

SUMÁRIO

Introdução	2
I – O Resumo da História de um Profeta Nacionalista	4
II – Quando a Missão é encapsulada pela Ideologia	16
III – Liderança e Compreensão da Soberania de Deus	37
IV – Liderança e Crise Humana	48
V – Liderança movida pelo Amor	59
Bibliografia	67

Introdução

O Homem que não queria ouvir a Voz de Deus

Talvez devêssemos iniciar este livro com a mais difícil de todas as perguntas relacionadas ao seu conteúdo – aquela que indaga sobre sua autoria. Esta é uma pergunta realmente difícil, pelo simples fato de que ninguém é capaz de apresentar uma resposta totalmente definitiva. A leitura dos mais variados comentários bíblicos simplesmente nos coloca diante de uma profunda incapacidade quanto a se fazerem asseverações dogmáticas a respeito da identidade do autor.

No presente texto fujo deliberadamente a qualquer discussão técnica sobre autoria e data do livro. Faço isso não levado pelo desejo de arrefecer ou simplificar a discussão do problema, mas unicamente pelo fato de não ter ele nenhuma intenção de destinar-se a especialistas. Isto porque meu público é geralmente formado por cristãos leigos em busca de edificação e desafio para a vida, bem como pastores à procura de material prático que os ajude na tarefa da pregação da Palavra. Todavia, se você estiver interessado em ter conhecimento mais profundo sobre as discussões técnicas a respeito de autoria, data, estilo e teorias relacionadas ao Livro de Jonas, tenho o maior prazer em lhe indicar uma bibliografia bastante séria no final deste volume.

Este livro é resultado de algumas palestras que fiz no VII Congresso VINDE Para Pastores e Líderes, realizado em Serra Negra, em setembro de 1990, ocasião em que tais palestras resultaram em bastante controvérsia, em razão de provocar grande discussão de uma boa parcela da liderança da igreja evangélica em torno da questão da opção política. Conquanto este livro não verse sobre política, um de seus capítulos trata da questão do excesso de ideologização política e suas conseqüências negativas na missão da Igreja. E este capítulo foi justamente minha mensagem da segunda noite no Congresso, que aliás deixou um bom grupo de irmãos angustiados e insones. Eu mesmo ainda não estou convencido de que todos eles já estão capacitados a dormir bem, caso reflitam sobre seu conteúdo antes de irem para a cama.

Este livro não tem outra intenção a não ser a de dar uma “chacoalhada” em alguns dos nossos mitos e ídolos contemporâneos dentro da igreja. Estou no entanto particularmente convencido de que, apesar de simples, ele tem em si o poder de provocar – se ungido pelo Espírito Santo – uma profunda mudança de pensar e de atitudes na vida de muita gente.

A palavra-chave que lhe permitirá ser este livro útil é a mesma com a qual o livro de Jonas inicia seu segundo versículo: “Dispõe-te...” Se você se *dispuser*, este pequeno livro há de trazer para a sua vida a alegria de ter ouvido a voz de Deus a fim de obedecer a ela.

Agora, uma breve palavra sobre o “espírito do livro”. Tenha em mente o fato de que ele foi “falado”. Quando se fala, a imaginação corre solta, e com ela surgem formas nem sempre muito adequadas à escrita. Ora, ter isto em mente é muitíssimo importante, na medida em que vai ajudá-lo a “ver” e “ouvir” melhor as mensagens aqui transformadas em livro.

Em algum lugar sobre o Atlântico, no dia 27 de julho de 1991.

Rev. Caio Fábio

I

O Resumo da História de um Profeta Nacionalista

Inicialmente eu diria que possivelmente o Jonas, filho de Amitai, seja a mesma pessoa da nossa história (II Reis, 15:25). Se isto é verdade, podemos reconhecê-lo como um profeta bastante ativo durante o reinado de Jeroboão II, no reino norte de Israel, entre os anos 787 e 747 aC. Se Jonas, o filho de Amitai, é o profeta-personagem do livro de Jonas, então podemos afirmar que ele viveu numa época difícil, e sob o regime de um rei perverso, que “fez o que era mal diante do Senhor” (II Reis, 14:24). Apesar disso, ele não teve dificuldade em se sentir usado por Deus para dizer ao rei Jeroboão que em razão das misericórdias do Senhor para com Israel, e apesar de suas iniquidades, Deus iria restaurar as antigas fronteiras da nação. O que de fato veio a acontecer, como resultado de guerras vitoriosas, de acordo com II Reis, 14:25-28.

Sonhos e Frustrações

Desta forma Jonas nos é apresentado como alguém que viveu intensamente os sonhos e as profundas frustrações de Israel naqueles dias. Tal fato faz dele um profeta extremamente peculiar. Eu diria que talvez ele seja o mais interessante de todos os profetas da Bíblia. Isto porque Jonas é seguramente o mais parcial, extravagante e humano de todos eles. Ele é o Pedro do Velho Testamento.

Jonas viveu num período em que Israel corria o risco de ser **extinto como nação**. Como diz II Reis, 14:27. “Ainda não falara o Senhor em apagar o nome de Israel de debaixo do céu”, mas estava perto de tomar tal decisão. Além disso, aquele era um tempo de quase total **socialização da pobreza**. II Reis, 14:26 diz que “*não havia nem escravo nem livre*”, pelo fato de que as classes sociais se tinham quase que unificado, tendo a classe média desaparecido por completo, e diminuído muito a riqueza privada, se bem que as pessoas de posse não haviam desaparecido totalmente. Em outras palavras: havia uma minoria rica realmente rica (II Reis, 15:20). O empobrecimento radical dos pobres era alarmante. Paradoxalmente era tremenda a **expansão militar**, e Israel atingira um nível bastante estável de

segurança nacional. Percebemos isso em II Reis, 14:25,28, através das palavras “restabeleceu” e “conquistou”, presentes no texto. Está dito ali que Jeroboão II restabelece as fronteiras e conquista espaços pela via das forças armadas; enquanto isso, a angústia social do povo era horrível. Não havia o menor vislumbre ou esperança de mudanças radicais, pois não se contava com ninguém que socorresse Israel (II Reis, 14:26). Em consequência de tal situação, Jonas se transformou num profeta **extremamente politizado; por conseguinte, ideologizado**. Ele tinha consciência, por exemplo, de que nos seus dias a grande ameaça para Israel era a Assíria, cuja capital era Nínive. De acordo com II Reis, 15:19, esta era, naqueles dias, a consciência de qualquer cidadão em Israel. Tal processo de ideologização na vida de Jonas é um dos sintomas mais importantes de quanto a política se tornara um dos elementos mais fundamentais na formação daquela geração. Tal processo se constituirá também, no decorrer deste livro, num dos elementos mais importantes na nossa tentativa de compreender o que aconteceu a Jonas. É com este contexto histórico na mente que leremos a história de sua vida.

Foi assim que tudo começou

Um dia Jonas estava em casa, aí pelo ano 750 aC, quando Deus falou com ele.

“Veio a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: ‘Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela porque a sua malícia subiu até mim’”.

Sem dúvida, esta era uma tarefa para a qual Jonas não tinha absolutamente o coração disposto. Era como pedir hoje a um israelense que levasse a palavra de Deus ao Iraque, enfrentando-se o perigo de a conversão do Iraque vir a significar a continuidade da ameaça de Sadan Hussein lançar armas químicas sobre Israel. Era como solicitar a um petista xiita que pregasse a palavra a Collor, correndo-se o risco de a conversão de Collor vir a acabar de vez com o sonho de um dia Lula chegar à Presidência da República. Era como dizer aos padres nicaragüenses da Teologia da Libertação que fossem pregar para Reagan e Oliver North nos EUA no auge do financiamento dos “Contra”, feito pelo governo Reagan. Jonas se dispões, sim, mas para fugir da presença do Senhor e encafurnar-se em Társis. O texto é irônico. Deus disse: *“Dispõe-te”*. Jonas de fato se dispôs, mas para fugir da presença do Senhor. Se acontecesse no norte do Brasil, eu diria que as pessoas falaria da seguinte maneira: “É, Senhor Deus, estou muito disposto, mas a fugir dessa obrigação”.

Para Jonas aquela era uma missão que confrontava profundamente seu nacionalismo e sua consciência ideológica. Ele prefere fugir a ela, deixando assim de sacrificar sua coerência político-ideológica.

“Tendo descido a Jope, achou um navio que ia para Társis. Pagou pois sua passagem, e embarcou nele, para ir com eles para Társis, longe da presença do Senhor”.

Assim é que Jonas gasta tudo o que tem para não ter que se engajar numa missão na qual não acredita.

Sua opção é ir para o fim do mundo. Vai então para Társis, no sul da Espanha, o lugar mais longínquo de todo o planeta, naqueles dias. A viagem para lá durava no mínimo um ano. Era literalmente o fim da linha. Era como tentar se esconder de um chamado de Deus sumindo na Antártida ou na Groenlândia. Na sua tentativa de fugir de Deus, Jonas descobre que tudo estava dando certo: com o dinheiro da passagem em mãos, talvez tenha sentido um grande alívio: “Que bênção!” Achou também um navio que ia para o fim do mundo, outra feliz coincidência. Afinal, era-lhe ainda possível racionalizar sua fuga com o pensamento de que Deus ainda podia contar com Oséias e Amós, ambos contemporâneos seus, os quais não tinham sua mesma consciência ideológica, razão por que poderiam ser usados para aquela tarefa de evangelizar o inimigo político sem sofrer tantos conflitos interiores. Jonas fugiu!

“Mas o Senhor lançou sobre o mar um forte vento, e fez-se no mar uma grande tempestade, e o navio estava a ponto de se despedaçar”.

De repente os até então bem sucedidos planos de Jonas são confrontados pelo pior de todos os oponentes: o amor apaixonado de Deus. Isso porque nenhuma fuga de Deus dura para sempre, quando aquele que foge é alguém que o conhece. É melhor viver como um ateu alienado de Deus do que como um cristão fugindo de Deus. As conseqüências práticas do ateísmo e do paganismo são menos dramáticas do que aquelas que atingem a vida dos que estão num processo de fuga de Deus. A existência se torna inimiga dos servos de Deus em desobediência. Não há ninguém mais sujeito ao azar na vida do que um servo de Deus consciente da sua vontade e em processo de fuga de Deus.

“Então os marinheiros, cheios de medo, clamavam cada um ao seu deus, e lançavam ao mar a carga que estava no navio para o aliviarem do peso dela”.

Jonas tenta fugir de Deus e cai dentro de uma fervorosa reunião de oração. Talvez em navio nenhum do mundo se tenha orado tanto quanto naquele navio em que se encontrava Jonas. Ele descobre fé entre os pagãos “*como nem em Israel*”. Já ouviu isso antes? “*Nem em Israel achei fé como esta*”!

Na tentativa de fugir de Deus, tudo fala mais de Deus do que na tentativa de obedecer-lhe. Todavia, o ouvir de Deus em desobediência é um ouvir apavorado. Os marinheiros estão em pânico. Preces de desespero são erguidas aos céus.

“Jonas, porém, havia descido ao porão e se deitado; e dormia profundamente”.

No texto da versão grega do Velho Testamento, chamada de Septuaginta, se diz que Jonas não só dormia, mas “*roncava profundamente*”.

Ele foi capaz de abandonar a mais fervorosa reunião de oração da sua vida e afundar-se em lânguido sono. Isso porque a desobediência à vontade de Deus elimina sempre a vontade de viver. Quem acha a vida, perde-a. Quem a perde, acha-a. Quem conhecendo a Deus não lhe faz a vontade acaba perdendo a vontade de viver. Esta é, sem dúvida, uma lei existencial realmente irônica: enquanto os pagãos ansiavam por viver e lutavam com raça e garra por sua vida, Jonas se auto-sepultara num sono de desistência da vida.

“Chegou-se a ele o mestre do navio e lhe disse: Que se passa contigo? Agarrado no sono? Levanta-te, invoca o teu Deus; talvez assim esse Deus se lembre de nós para que não pereçamos”.

O estado de alienação da vontade de Deus torna Jonas menos humano e menos cristão do que os pagãos. Eles lutavam pela vida; Jonas dormia. Eles invocavam cada qual o seu deus; Jonas não tinha prece em seus lábios, estava totalmente silencioso.

Ele é o típico líder cristão, pastor, teólogo, profeta, ou líder natural na comunidade que desaprendeu a possibilidade da oração, cerrou os lábios, ficou mudo, sem preces.

Os pagãos do navio eram mais sensíveis aos sinais dos tempos do que o cristão Jonas. Eles não interpretavam a tempestade como um mero

fenômeno natural; sabiam por intuição que havia algo alienígena naquela tempestade. Por isso, diziam uns aos outros: *“Vinde, e lancemos sortes, para que saibamos por causa de quem nos sobreveio este mal. E lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Jonas”*.

Jonas perdera totalmente a consciência de que o mundo espiritual também funciona à base da lei de causa e efeito. No entanto os marinheiros pagãos pareciam saber com muita clareza que ninguém foge de Deus impunemente. A sorte é lançada, e o azar é de Jonas. Descobre-se que o homem de Deus era a causa da desgraça. Sua vida atraía maldição sobre todo o grupo.

Preste atenção nisto: homens de Deus em fuga de Deus trazem maldição aonde quer que vão. Também uma igreja alheia à vontade de Deus é instrumento de desgraça para a sociedade. Esta é a lição que os marinheiros nos dão quando dizem a Jonas: *“Declara-nos agora por causa de quem nos sobreveio este mal. Que ocupação é a tua? Donde vens? Qual a tua terra? E de que povo és tu? Ele lhes respondeu: Sou hebreu, e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra”*.

Jonas responde apenas à última pergunta. Sua resposta é evasiva, com traços de autojustificação além de definidora de uma atitude existencial de cinismo teológico. Quando diz *“Sou hebreu”* ele parece estar tentando dizer a si mesmo que tinha direito a peregrinação, ou talvez àquela peregrinação. Afinal, a palavra hebreu provém dum radical que significa *“aquele que passa, aquele que vai, aquele que se move, aquele que está a caminho, aquele que anda”*.

É assim que Jonas se justifica: *“Eu estou fugindo porque existencialmente sou um ser a caminho”*. E quando ele afirma que *“temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra”* ele nos apresenta seu cinismo existencial e teológico. Ele confessa temer um Deus cósmico do qual pensa ser possível fugir. Confessa temer ao Senhor, mas não lhe dirige uma prece sequer. Ele é como muitos que têm uma teologia para justificar suas fugas de Deus e uma fé que não produz oração. Nada é mais falso que uma teologia que não leve a orar – por mais ortodoxa que seja, como era o caso da de Jonas.

A declaração sobre quem é o Deus de Jonas, e as razões da viagem apresentadas por Jonas apavoraram os marinheiros. Possuídos de grande temor, inquiriram:

“Que é isto que fizeste? Pois sabiam os homens que fugia da presença do Senhor, porque lho havia declarado”.

Neste ponto a Bíblia começa a condenar a tragédia de se ter uma intimidade com Deus tornada cínica. Jonas estava literalmente brincando com fogo, e não sabia. Ou sabia, mas se negava a considerar as conseqüências. E mais: a Palavra de Deus mais uma vez nos ensina que são justamente os pagãos que revelam ter uma fé em Deus mais profunda do que Jonas. Isso porque temem suas divindades com mais reverência e dedicação do que muitos a Deus, entre os que se declaram povo de Deus.

Os marinheiros parecem estar argüindo: “Jonas, quem tem um Deus como o seu tem todas as opções da vida, menos a de fugir de Deus”. E mais que isso: eles sabem que algo tem que ser feito a fim de que a calamidade seja contida. Por isso lhe perguntam:

“Que te faremos, para que o mar se nos acalme?”

“Porque o mar se ia tornando cada vez mais tempestuoso”. Jonas responde:

“Tomai-me, lançai-me ao mar, e o mar se aquietará; porque eu sei que por minha causa vos sobreveio esta grande tempestade”.

Desta forma Jonas assume o fato de que a tragédia que se tornara de todos naquela pequena sociedade da embarcação era conseqüência direta da sua fuga de Deus. Ele tinha plena consciência disso. Tanto era assim que afirmou: “Eu sei que sou a razão da tragédia”. Neste ponto ele parece estar ainda com uma significativa vantagem sobre nós, os que estamos lendo este livro. Isto porque para muitos de nós, diferentemente de Jonas, a tragédia do mundo parece nada ter a ver conosco. Todavia tem tudo a ver. E a razão é simples: aqueles que são designados a ser bênção para o mundo tornam-se maldição para a sociedade, quando não assumem seu papel de bênção na vida.

Contudo os homens remavam, esforçando-se galhardamente por atingir a terra, sem no entanto nada conseguir, porque o mar se tornara cada vez mais tempestuoso, investindo contra a embarcação. Então clamaram ao Senhor, dizendo:

“Ah, Senhor, rogamo-te que não pereçamos por causa da vida deste homem, e não faças cair sobre nós este sangue, quanto a nós, inocente; porque tu, Senhor, fizeste como te aprouve. E levantaram a Jonas, e o

lançaram ao mar; e cessou o mar da sua fúria. Temeram pois estes homens em extremo ao Senhor, e ofereceram sacrifícios ao Senhor, e fizeram votos”.

Esta é uma das muitas ironias da história de Jonas. Na intenção de fugir de Deus e da sua missão ele acaba sendo instrumento de salvação para muitos povos. Aqui fica uma tremenda lição: o mundo só tem o verdadeiro testemunho da salvação quando a Igreja dá este testemunho com pureza e verdade, ou quando confessa sua fuga e sua desobediência à vontade de Deus.

Jonas confessa a verdade, ainda que em meio a uma profunda falta de ânimo espiritual. Ele dá testemunho de sua fuga de Deus, do Deus a quem não se foge, o Deus de toda a vida, e que está em toda parte.

O princípio espiritual implícito neste evento é simplesmente tremendo: quando o povo de Deus tem coragem de confessar que a culpa é sua, o mundo crê.

Eu, particularmente, acredito que estamos vivendo este tempo e esta hora neste país. Esta é a hora de termos coragem de ousar um testemunho cristalino de nossa coerência e compromisso com Deus, ou termos coragem de confessar que parte da culpa pela tragédia do país é nossa. Não há nenhuma dúvida quanto a isso: parte da responsabilidade pela tragédia do Brasil é culpa da Igreja. Isso porque em muitas ocasiões temos sido uma Igreja em fuga de Deus. Uma Igreja em flagrante desobediência à sua missão. Uma igreja em freqüente inebriamento com esta ou aquela ideologia, seja de direita, seja de esquerda. Uma Igreja que ora menos do que muitos pagãos da sociedade brasileira. Uma Igreja menos sensível e humana diante do drama humano, do que alguns idólatras da nação. Enfim, temos muitas vezes sido muito mais parte do problema que da solução.

Neste ponto da narrativa da história de Jonas parece que atingimos o ápice de sua desgraça e desesperança. Sua vida e seu ministério parecem definitivamente liquidados. Mas é neste ponto que nos é lembrado que *“o dom e a vocação de Deus são irrevogáveis”*.

“Deparou o Senhor um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites no ventre do peixe. Então Jonas do ventre do peixe orou ao Senhor, seu Deus e disse: ‘Na minha angústia clamei ao Senhor, e ele me respondeu; do ventre do abismo gritei, e tu me ouviste a voz”.

Deus não desiste de Jonas – embora o que parecia era que Jonas desistira de Deus completamente. Todavia ele dá a impressão de ser o exemplo clássico da pessoa que só ora em dificuldade extrema. Se não, observe: ele não orou para **decidir** (Jn, 1:3); não orou quando a **tempestade** veio (Jn, 1:4); não orou **quando todos oravam** (Jn, 1:5); não orou quando a **verdade sobre sua fuga** se tornou pública (Jn, 1:10,11); não orou quando os marinheiros, num último rasgo de solidariedade humana, **tentavam chegar à terra remando** (Jn, 1:13); não orou quando **os marinheiros oravam** pedindo a Deus que não os culpasse por terem que lançá-lo ao mar (Jn, 1:14); e provavelmente não orou nem no primeiro nem no segundo dia no ventre da baleia, o grande peixe, o monstro marinho, porque se tivesse orado antes talvez a história não houvesse contado que ele permaneceu no ventre três dias e três noites. O profeta Jonas parece ter sido realmente renitente: deixou para orar no último dia.

É no entanto no ventre do peixe que ele começa a recuperar sua saúde humana e sua fé. É no ventre do peixe que começa a recuperar a saúde da alma, quando restaura uma das mais fantásticas possibilidades da alma humana, a possibilidade da angústia. Quando diz: *“Na minha angústia clamei ao Senhor”*. Angústia aqui aparece como um sintoma de que a alma está viva. Pois até então sua apatia só falava de uma alma sem nervos, morta.

“Pois me lançaste no profundo, no coração dos mares, e a corrente das águas me cercou, todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram por cima de mim. Então disse: ‘Lançado estou de diante dos teus olhos; tornarei porventura a ver o teu santo templo?’”

Com toda a sua teologia, Jonas ainda pensava ser possível, na prática, fugir de Deus. Isso porque orava suplicando livramento, sem contudo entender que a própria tragédia de ter sido engolido pelo monstro era parte da resposta que buscava em Deus. **Jonas não entendia tragédia como possibilidade de expressão do amor de Deus.**

“As águas me cercaram até à alma, o abismo me rodeou, e as algas se enrolaram na minha cabeça até os fundamentos dos montes. Desci até a terra, cujos ferrolhos se correram sobre mim para sempre; contudo fizeste subir da sepultura a minha vida, ó Senhor, meu Deus!”

No auge de um quase sadio desespero Jonas experimenta a realidade existencial da ressurreição: é arrancado da sepultura. Ele tinha que morrer para poder provar o poder existencial da ressurreição: *“Quando dentro em*

mim desfalecia a minha alma, eu me lembrei do Senhor; e subiu a ti a minha oração”.

Oração é a única e suficiente resposta da alma em crise ao Deus que busca restaurá-la. Oração é o sinal por excelência de que a alma ainda está viva: *“Os que se entregam à idolatria vã abandonam aquele que é misericordioso”*, diz Jonas.

Neste ponto Jonas assume sua própria idolatria. Isso porque no contexto do livro o único verdadeiramente idólatra é ele. Ele foi aquele que cultuou de forma tão absoluta a ideologia e o nacionalismo que preferiu fugir de Deus a ter que trair seus compromissos políticos e ideológicos. Agora ele diz: *“Mas com a voz do agradecimento eu te oferecerei sacrifício; o que votei, pagarei. Ao Senhor pertence a salvação”*.

Jonas resolve que se houvesse uma outra chance ela não seria desperdiçada. Uma vez livre da tragédia de estar preso no porão dos oceanos, ele se compromete a cumprir a missão da qual fugira. Rende-se pois à implacável perseguição do amor de Deus, na sua obstinada insistência de não perder um profeta, de não perder um líder.

“Falou pois o Senhor ao peixe, e este vomitou a Jonas na terra. Veio a palavra do Senhor segunda vez a Jonas, dizendo: ‘Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive, e proclama contra ela a mensagem que te digo’. Levantou-se pois Jonas, e foi a Nínive, segundo a palavra do Senhor. Ora, Nínive era cidade importante diante de Deus, e de três dias para percorrê-la. Começou Jonas a percorrer a cidade, caminho de um dia, e pregava e dizia: ‘Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida’. Os ninivitas creram em Deus; e proclamaram um jejum, e vestiram-se de panos de saco, desde o maior até o menor. Chegou esta notícia ao rei de Nínive; ele levantou-se do seu trono, tirou de si as vestes reais, cobriu-se de pano de saco, e assentou-se sobre cinza. E fez-se proclamar e divulgar em Nínive: Por mandado do rei e seus grandes, nem homens, nem animais, nem bois, nem ovelhas provem coisa alguma, nem os levem ao pasto, nem bebam água; mas sejam cobertos de pano de saco, assim os homens como os animais, e clamarão fortemente a Deus e se converterão cada um do seu mau caminho, e da violência que há nas suas mãos. Quem sabe se voltará Deus e se arrependerá e se apartará do furor da sua ira, de sorte que não pereçamos? Viu Deus o que fizeram, como se converteram do seu mau caminho: e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria, e não o fez. Com isso desgostou-se Jonas extremamente, e ficou irado”.

Quando o homem de Deus se deixa pervadir pelo excesso de ideologia política, talvez venha a assustar-se com o próprio coração. A obsessão ideológica de Jonas ainda não o abandonara; tampouco a ideologia e o nacionalismo se haviam tornado meros acessórios históricos; pelo contrário: eles ainda tinham o poder de cegá-lo. Decididamente Jonas só enxergava a vida de uma perspectiva ideológica. O próprio sucesso evangelístico se tornara inimigo de sua pregação; inimigo dos seus objetivos ideológicos. Jonas não estava interessado em nenhuma conversão ou arrependimento que não tivesse implicações de mudança imediata na cena política à sua volta.

Se fosse hoje ele diria: “O novo nascimento que não mudar a atitude política das pessoas não tem nenhum valor histórico”.

Então Jonas orou ao Senhor e disse: *“Ah! Senhor, não foi isso o que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso me adiantei, fugindo para Târsis, pois sabia que és Deus clemente e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade, e que te arrependes do mal”*.

Disse isso com certa ironia ideológica. Ora, Jonas parece estar sofrendo do mesmo mal daqueles que entre nós se deixaram dominar pelos excessos ideológicos. Já nada interessava à causa, a menos que tivesse implicações de libertação sócio-política. Na sua opinião o próprio caráter misericordioso de Deus trabalhava agora contra os sonhos de libertação dos oprimidos. Isso porque enquanto Deus estivesse agindo entre aqueles que Jonas considerava os poderosos da terra não haveria nenhuma chance de que sua justiça os esmagasse. O que ele queria não era vê-los salvos, mas achatados, esmagados. Assim ele diz: *“Peço-te pois, ó Senhor, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver”*. Sem a causa política em perspectiva, mais uma vez perde a razão de viver. Desse modo ele também se apresenta a nós como sendo uma representação daqueles cujos projetos existenciais não admitem mudanças contrárias às suas expectativas.

O excesso de história na perspectiva histórica de Jonas lhe roubou o desejo de viver na história. Isso porque ninguém vive só de história na história. Sem trans-história a própria história perde seu valor histórico. O temporal só tem sentido se for vivido com a perspectiva do eterno.

Mas Jonas não pode conceber que o regime político que chamou de “a besta” esteja sendo poupado por Deus. Por isso se nega a viver no mesmo mundo dos ninivitas. Repugna-lhe a idéia de fazer parte de um mundo governado por ninivitas.

É em razão disso que o Senhor o questiona: “*É razoável essa tua ira?* Então Jonas saiu da cidade, e assentou-se ao oriente da mesma...” Ora, é importante lembrar que na tradição bíblica é do Oriente que sempre vem o juízo e o castigo.

“Assentou-se ao oriente da mesma, e ali fez uma enramada, e repousou debaixo dela, à sobra, até ver o que aconteceria à cidade.”

Jonas tem ainda uma última esperança: de que a cidade **se arrependa de ter se arrependido** e volte a pecar, atraindo assim o juízo de Deus contra si.

Quem quer que se envolva extremamente com ideologias corre o risco de desenvolver uma forma de perversidade, a qual é sentida através do desejo de que Deus arrebente os inimigos do povo com sua fulminante justiça.

“Então fez o Senhor Deus nascer uma planta, que subiu por cima de Jonas para que fizesse sombra sobre a sua cabeça, a fim de o livrar do seu desconforto. Jonas, pois, se alegrou em extremo por causa da planta. Mas Deus no dia seguinte, ao subir da alva, enviou um verme, o qual feriu a planta, e esta se secou. Em nascendo o sol, Deus mandou um vento calmoso oriental; o sol bateu na cabeça de Jonas, de maneira que desfalecia, pelo que pediu para si a morte dizendo: Melhor me é morrer do que viver. Então perguntou Deus a Jonas: É razoável essa tua ira por causa da planta? Ele respondeu: É razoável a minha ira até a morte. Tornou o Senhor: Tens compaixão da planta que te não custou trabalho, a qual não fizeste crescer; que numa noite nasceu e numa noite pereceu; e não hei eu de ter compaixão da grande cidade de Nínive em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?” E Deus termina dizendo: “Jonas, por favor! redimensione o que você sentiu pela planta e você será capaz de sentir o que eu sinto por Nínive. Redimensione o que sente em função das suas perdas ideológicas, dos seus sonhos históricos, do seu sentimento de perda, e sentirá o que eu sentiria se tivesse que destruir aqueles que queres que eu destrua”.

O apelo final de Deus a Jonas é no sentido de que ele recupere a possibilidade da compaixão e da misericórdia. Em outras palavras, Deus está dizendo que a única forma de se viver qualquer projeto em nome dele na história é colocando a causa da salvação acima de tudo, inclusive acima daquelas causas às quais muitas vezes são atribuídos interesses prioritários relacionados ao seu reino. Além do mais, não há nenhuma saúde possível

para o homem de Deus que não tem dentro de si a possibilidade do amor compassivo. Sem esse amor compassivo a vida mergulha na amargura, no justicismo perverso, na unilateralidade ideológica e num viver que perde a possibilidade do amor e da compaixão, cujo único fim e propósito é alimentar na alma a amargura de não conseguir amar aquelas criaturas estranhas em volta de nós, tão amadas por ele. Portanto, meu irmão e minha irmã, o apelo de Deus a todos nós é este: “Volte a amar tudo e todos quantos eu amo, mesmo os mais inamáveis da história. Caso contrário, sua vida será marcada pela tragédia de um amargor sem cura”.

II

Quando a Missão é encapsulada pela Ideologia

Neste capítulo meu objetivo é mostrar o que acontece quando os líderes cristãos se deixam dominar por uma visão excessivamente ideologizada do mundo. Na nossa introdução a esses estudos em Jonas, no capítulo anterior, vimos que parte da crise que se abateu sobre o profeta veio do fato de que ele se deixou encher demasiadamente de ideologia e de um nacionalismo xenóforo, tirando-lhe a perspectiva da grandeza e da universalidade do Reino de Deus. Tal hiper-lotação ideológica lhe roubou a capacitação de discernir a realidade do mundo conforme Deus o vê. Ora, num certo sentido Jonas estava extremamente consciente do seu mundo. O problema era que o mundo do qual ele estava consciente não era o único que existia, nem o único mundo com o qual Deus estava preocupado.

No excesso de paixão pelas lutas históricas do seu povo ele perdera a visão *do todo*. Tornara-se cativo de uma visão da vida que o cegava para outras perspectivas da intenção de Deus na história. E esta realidade de ter ficado cego a outras intenções de Deus para a história resultou do fato de que sua mente sofreu um encharcamento ideológico. Ora, isso talvez nos leve à pergunta acerca do que é ideologia, assunto que no capítulo anterior não me foi possível definir.

Ideologia é um pensar sistemático em relação à realidade da história, pensar esse que vira premissa absoluta, pela qual se vê e se julga a vida. Ela pode ser religiosa, política, econômica, social, cultural ou étnica, e não está necessariamente ligada e atrelada apenas às perspectivas absolutamente objetivas daquela ideologia política. Por exemplo: a ideologia religiosa é algo com que lidamos todos os dias, razão por que precisamos estar atentos, usando de senso crítico, não permitindo dessa maneira que sejamos levados ou pervadidos por ela. A ideologia religiosa pode ser percebida no nosso meio através de detalhes muito simples. Um irmão que tenha um transfundo religioso cultural de teologia pentecostal mais fechada, mais conservadora, encontrar de repente um irmão barbado sai logo imaginando que ele não gosta de orar, não lê a Bíblia todo dia nem tem compromisso com a evangelização. Isso por uma razão muito simples: ele usa barba. Ora, pelo fato de ser barbado vai ser sempre e a priori

julgado como aquele que não gosta de orar, e que de alguma forma deve também pertencer ao PT.

Tenho um amigo com essas características; já comentei com ele que provavelmente muita gente o julgaria dessa maneira. Aí ele me disse que algumas pessoas no seu ambiente de trabalho o julgavam pertencendo ao PT, em razão de sua barba.

É assim que em função da barba os indivíduos se julgam capazes de concluir sobre as horas que certo irmão investe ou não em oração, qual sua doutrina, e inclusive o partido no qual vota. Mas nós que lidamos com essas ideologias todos os dias, muitas vezes não nos damos conta do quanto nos deixamos encharcar por elas. O pior é que nem sequer percebemos como tal encharcamento nos rouba a possibilidade de enxergarmos a vida com clareza, com mais justiça, mais grandeza e mais amor.

Aliás, estamos encharcados não apenas por ideologias religiosas, mas também impregnados, e profundamente, por ideologias políticas. Permita-me dar-lhe um exemplo simples de como nos relacionamos com isso. No Congresso da VINDE eu tinha atrás de mim um painel com luzes de néon, no qual estava escrito: Sétimo Congresso da VINDE. Pois bem, não foi nada difícil encontrar alguns irmãos com a cabeça tida como mais progressista – é o paradoxo da chamada linha progressista, na qual se vêem às vezes pessoas extremamente “para trás” em algumas áreas. Reparando o painel elas iriam logo fazer um julgamento ideológico do néon. O que certamente iriam dizer é que o Congresso da VINDE é um congresso de burgueses, gente que não está comprometida com a causa dos pobres, nem tem nenhum senso crítico em relação à ideologia; prova disso era aquela luz de néon, luz do capitalismo, luz de Las Vegas, luz de cassino, luz da ilusão. Não pense que estou sendo simplista, afirmando ser possível tal juízo. Quem conhece um pouco da mente dos irmãos por aí sabe que esse é um raciocínio extremamente provável. Às vezes a pessoa nem sequer esteve presente no congresso, não nos conhece, não nos ouviu; simplesmente ouviu dizer que o VII Congresso da VINDE estava escrito em néon. No entanto, baseado nesse detalhe – o néon – ele julga, condena e arrasa tudo quanto foi dito e feito nesse VII Congresso. Ele constrói conceitos, interpreta, ou impõe sobre nós todo um universo preconcebido. Ora, isto é ideologia.

Neste sentido atrevo-me a afirmar que estamos extremamente dominados e encharcados por ideologia. E é justamente em razão disso que deveríamos fazer uma profunda re-visão de vida. Precisaríamos tentar rever

e reavaliar quem somos, onde estamos e o que, exatamente, dirige e governa hoje nossas percepções da vida.

Minha intenção neste capítulo é aprofundar esta reflexão, levando-nos a nos conscientizar de que provavelmente muitos de nós estamos sofrendo desse mal, e em consequência disso perdemos muito da visão daquilo que deveria ser *o todo* da intenção de Deus para a nossa vida. Isto porque, quando a visão ideológica ganha domínio sobre a vida, perde-se a possibilidade de enxergá-la em sua totalidade. Quando, por exemplo, a visão política e ideológica se tornam dominantes, todo julgamento que dela se faça irá girar em torno da perspectiva político-ideológica. Se o indivíduo ergue as mãos para os céus, cantando, diz-se que é alienado. Isso porque a conclusão a que se chegou é que somente um verticalista extremado levanta a mão para o céu. Aí, então, explicam: “Uma adoração consciente tinha que ser do tipo *mãos na terra*”, ou alguma coisa do gênero. Assim é que qualquer gesto, qualquer movimento, tudo, enfim, é julgado a partir da perspectiva política. A roupa que o outro veste, o corte ou cor de cabelo, o tênis que usa – se é nacional ou estrangeiro –, enfim, qualquer coisa acaba sendo interpretada segundo a perspectiva político-ideológica. Então, em função disso, conclui-se que política é tudo. Mas política não é tudo, muito ao contrário do que afirmam alguns cientistas políticos mais extremados. Ela pode até significar muito, mas não é tudo. Só o Reino de Deus e o Deus do Reino são *tudo em todas as coisas*. Sem dúvida a política envolve uma imensa gama de perspectivas da realidade; contudo ela está muito longe de ser a realidade toda. Deixe-me explicar. Ignoro quantos dos meus leitores leram, por exemplo, os textos de Karl Marx. Eu, particularmente, li muita coisa escrita por Marx, Engel e outros especialistas do pensamento marxista. Quanto mais os lia, mais perplexo ia ficando com a perspectiva do reducionismo de sua visão do mundo. E justamente aí estava a contradição, pois o que encontrava neles era uma visão tremendamente profunda do mundo; no entanto ela era reduzida, visto não aceitar o fato de o mundo todo não caber dentro dela. Se Marx admitisse que aquela não era a realidade toda, ninguém poderia acusá-lo de reducionismo. Pelo fato, porém, de haver pensado que sua teoria compreendia a realidade toda, sou obrigado a acusá-lo de miopia e reducionismo. A vida é muito maior do que aquilo que o marxismo conseguiu enxergar. O marxismo é amplo em muitos aspectos, e estreito em muitos outros, simplesmente por ter partido do pressuposto de que tudo na vida gira em torno do político-ideológico. A família, por exemplo, é um acontecimento absolutamente absurdo na perspectiva marxista, não passando de um subproduto da burguesia. O mesmo se pode dizer da dimensão psicológica da existência humana: suas dores e depressões emocionais profundas não fazem nenhum sentido na teoria marxista clássica. Segundo ela, se você está de barriga cheia você

não tem nenhum direito a esse tipo de angústia interior. Depressão psicológica não passa de fruto de um sentir burguês. Estou reduzindo isso a apenas duas dimensões da vida, muito embora podendo estender a muitas outras dimensões, totalmente esquecidas ou desvalorizadas no marxismo, e esquecidas pelo fato de que se absolutizou uma certa visão, a partir da qual se leu a vida e a história toda. O universo que não coube ali foi simplesmente relegado e jogado a um buraco negro, como algo sem nenhum valor. A mesma coisa acontece ao capitalismo: posso dizer dele o mesmo que disse sobre o marxismo. É só inverter as perspectivas. Se você olha a vida exclusivamente com olhos capitalistas, você vai enxergar-se a si mesmo; ou quando muito, num rasgo de generosidade, também a família. Daí em diante todo o mundo é adversário, e tudo o que interessa é defender-se com todas as armas disponíveis.

Ora, em qualquer das perspectivas político-ideológicas você vai estar maltratando, mutilando, aleijando, cortando, dilapidando, diminuindo a realidade. A vida é maior que qualquer ideologia. Só a genuína revelação bíblica é do tamanho da realidade toda. Por isso afirmo que política não é tudo. Especialmente quando pensamos e vemos a realidade do ponto de vista de Deus.

Jonas não conseguiu discernir isso. Ideologia e política tornaram-se realidades absolutas em sua vida. O que é estranho nisso tudo, quando se tenta observar, é que um sentimento de ódio velado começou a invadir-lhe o coração. Sua visão do mundo começou então a mudar. O Reino de Deus já não era nem a primeira nem a última preocupação em sua vida, mesmo sendo suas lutas políticas todas em nome do Reino de Deus. A hiper-ideologização da vida lhe alterou toda a cosmovisão. Neste livro pretendo mostrar as perspectivas da cosmovisão de Jonas que foram tremendamente alteradas em razão de uma redução ideológica. Lembre-se no entanto que quando falo de redução ideológica não estou me referindo apenas à perspectiva política. Por isso gostaria que neste livro você pensasse sempre em ideologia como um todo. Permita-me então voltar a esta questão pertinente ao momento: - Quais foram as alterações na cosmovisão de Jonas que aconteceram em função dessa hiper-ideologização da sua mente?

A Mudança na Atitude Missiológica

Primeiramente devo afirmar que o excesso de ideologização passou a determinar a atitude missiológica de Jonas. Se você se deixa impregnar – como no caso de Jonas – por ideologias políticas, você passa a olhar apenas para o horizonte imediato da história-história, ficando incapacitado de perceber que existem outros elementos que a compõem, nem sempre

historicamente mensuráveis e perceptíveis. Deixam, por exemplo, de ser vistas aquelas coisas invisíveis da vida, e que apesar da sua intangibilidade desempenham um papel decisivo na consecução da experiência humana neste planeta.

Pois bem; quando se absolutiza uma determinada visão político-ideológica, passa-se a ter preocupação **apenas** com aquilo que possa dizer respeito às causas políticas e aos interesses imediatos, sejam eles sociais, econômicos ou políticos do seu povo. Ora, quando isso acontece, uma das primeiras coisas a serem profundamente alteradas será sua visão missiológica (refiro-me à percepção de qual seja sua missão na vida, bem como o papel da Igreja na sociedade). Sua perspectiva de missão já não vai dizer tudo aquilo que a Bíblia diz quanto ao que ela deve ser. Quando alguém que está empanturrado, empanzinado de ideologia diz *missão*, isso não tem o mesmo significado que tem na boca de um outro que está com a cabeça apenas cheia da prioridade e do absoluto do Reino de Deus. Quando alguém que está cheio do Reino de Deus diz *missão*, isso significa para ele a intenção de ver Deus glorificado em todas as dimensões da vida através da ação do povo de Deus. Todavia, quando uma pessoa repleta de ideologia ou que tenha colocado seus compromissos ideológicos – ainda que inconscientemente – acima da realidade do Reino se refere a fazer missão, isso significa, de acordo com seus conceitos, particularizar as intenções de Deus e reduzi-las à realização de um projeto político determinado a priori por sua cartilha ideológica.

Ora, a primeira coisa que aconteceu com Jonas é que ele deixou de estar preparado para a missão como um todo, integral, profunda, que levava em consideração as múltiplas dimensões do propósito de Deus na história, reduzindo sua visão missionária à dimensão político-histórica. São Jerônimo disse o seguinte, acerca da dimensão política de Jonas: “*Jonas sabia que o arrependimento dos ninivitas poderia ser tragédia para os judeus. Daí a obstinada decisão de não pregar de jeito nenhum para eles*”. A visão de Jonas quanto à missão se reduziu em função da sua cartilha ideológica. Sua atitude obstinada contra Nínive não é propriamente o resultado de seu senso de justiça, mas de seu condicionamento ideológico. Prova disso é o fato de que encontramos nele duas categorias de justiça. A primeira é aquela justiça que ele aplicava aos que estavam do *lado de fora* de Israel, vistos por ele como inimigos dos seus sonhos políticos e nacionalistas. A segunda é aquela que ele aplicava aos que estavam *dentro* de Israel, como era o caso do rei Jeroboão. Em II Reis, 14, do versículo 25 em diante, se diz que Jonas foi capaz de dizer a um rei mau-caráter como Jeroboão II, que Deus iria usá-lo para alargar as fronteiras do reino, para reconquistar certas possessões perdidas e reconstruir algumas áreas de

defesa. Ora, naquele caso ele atribui tudo isso à vontade de Deus para Israel, e não tem o menor escrúpulo quanto a pensar que isso pudesse ser viabilizado por um canalha de marca maior.

Com os que estavam fora das fronteiras de Israel, Jonas não usa o mesmo critério de justiça generosa e graciosa. Para com os que estavam do seu lado, ele era todo generosidade. No entanto, em relação àqueles que não confessavam sua mesma ideologia ele era todo rigor. Essa é uma ambigüidade que encontramos na maioria dos que se deixam empanturrar por ideologia. Isso porque iniquidade não é alguma coisa que se associa apenas a uma perspectiva ideológica da vida; ou não é apenas um fato na vida dos nossos adversários ideológicos. Iniquidade transcende as fronteiras ideológicas, pois tem tudo a ver com o coração humano, não importando qual seja a opção ideológica da pessoa. Esse tipo de ambigüidade, politicamente falando, pode ser achado até mesmo na vida de Karl Marx. Ao se ler o “Manifesto Comunista” ou “O Capital”, textos esses de análise da sociedade, que mostram a perversão do industrial ou do empresário, fica-se pensando que Marx nunca recebeu um tostão de uma pessoa que manipulasse uma indústria ou fosse um empresário. Mas tal não é o caso. Isso porque Engel o sustentou a vida inteira, com exceção de apenas um ano em que trabalhou num jornal. Ora, Engel era empresário e, de acordo com alguns de seus biógrafos, um dos mais tiranos. Isso porque, com todo o seu discurso a respeito do proletariado, na indústria dele se trabalhava 16 horas por dia. Já ouvi no entanto pessoas justificando tal comportamento em Engel e Marx com a desculpa de que eles agiram dessa maneira porque o dinheiro era todo empregado na revolução. Contudo, nem assim se fica livre do fato de que se usam dois pesos e duas medidas. Neste caso, se o industrial está investindo na nossa causa nós o abençoamos; se está contra ela nós o amaldiçoamos.

Era mais ou menos assim que as coisas funcionavam na cabeça de Jonas. Isso porque – como já vimos – seu critério de justiça ganhara dois pesos e duas medidas, em função de sua obsessão ideológica. O excesso de ideologia faz portanto duas coisas: ou nos torna parciais e generosos para com os que estão do nosso lado – mesmo em sua impiedade -, ou nos impede de exercer a mesma misericórdia para com os nossos inimigos.

Houve um tempo em minha vida em que quase odiei o Paulo Maluf. Continuo a não ter nenhuma ou quase nenhuma afinidade com ele. Mas eu me lembro que em 1984, no auge da concorrência de Maluf com o Tancredo Neves, eu olhava para ele e meu estômago embrulhava. Para mim ele não era sequer um ser humano: não passava de um símbolo, uma coisa esperta, lisa. Mas no dia da eleição para presidente no Colégio Eleitoral,

enquanto a votação acontecia nervosa, a câmera focou o Maluf: suado, lívido, apavorado, sentindo de antemão o gosto da derrota.

Nesse dia, pela primeira vez olhei o Maluf como gente. Exclamei para mim mesmo: “Meu Deus, ele sua!” Então chegou uma mocinha e ficou perto dele, bem do lado dele. O repórter disse: “É a filha de Paulo Maluf”. Então disse: “Meu Deus, ele tem uma filha!” Aí, ela começou a passar um lenço no rosto dele. Podia-se ver através da câmera que o lenço estava todo encharcado. Lá pelas tantas, não havia mais o que secar. Molhava mais a testa quando ela passava o lenço do que quando não passava. Ele estava nervoso, e ela começou a beijar a testa do homem, aquela testa toda molhada de suor.

Como já disse, foi a primeira vez na vida que vi o Maluf como gente. Aí então olhei para mim mesmo e tomei um susto. E desabafei: “Meu Deus! eu estou ficando empedrado. Estou me deixando invadir por tanta ideologia que esse indivíduo para mim deixou de ser gente; para mim ele é uma coisa!”. Dei-me conta de que até aquele dia minha boca estava totalmente silenciosa de preces, como a de Jonas, em relação ao ninivita, pedessita, Paulo Maluf. Desse modo, ainda que o Maluf não tenha diante de mim se recuperado como político, no entanto ele se recuperou como ser humano. Ele recuperou sua humanidade aos meus olhos. Todavia isso só aconteceu porque eu também recuperara parte da minha humanidade e compaixão, sufocados no porão estreito de meus preconceitos ideológicos. Para mim hoje ele é gente, em cuja intenção eu oro; é também alguém em cujo coração gostaria de ver o evangelho penetrar. Agora ele não é mais um ninivita repugnável, inalcançável, sobre quem possa desejar que o juízo de Deus caia, mas alguém que desejo que seja abraçado pelo amor salvador do nosso Senhor Jesus Cristo.

Conto isso apenas para mostrar como eu e você corremos o risco de nos deixarmos empanturrar por ideologias, ao ponto de permitir que nossa visão missiológica e evangelística se reduza até aquele nível no qual o inimigo fica para nós desalmado. E quando isso acontece não há mais nenhuma diferença entre nós e os fariseus empedernidos e duros, legalistas, dos dias de Jesus, para os quais os gentios não tinham alma, não sendo assim considerados “próximos”. E, quando isso acontece, nós só conseguimos ver gente onde a nossa ideologia nos concede ver gente. Porque onde ela não nos permite ver gente, a gente vê coisa.

A Atitude Evangelística

O excesso de ideologização também prejudicou o ministério evangelístico de Jonas. Pois o chamado de Deus para que ele pregasse aos ninivitas lhe soava como traição ao seu povo fraco e oprimido. A absolutização da ideologia não lhe permitia ver que seu povo, oprimido, era tão ou mais iníquo que os ninivitas. Ideologia, quando associada a teologia, unilateraliza nossa visão do pecado. Quando você faz o casamento de ideologia com teologia, até o pecador passa a ser um certo tipo de pessoa apenas. Neste caso o pecador não é aquele que peca contra os absolutos de Deus, mas aquele que transgredir os absolutos da nossa ideologia, ainda que, para desengano de consciência, nossa ideologia seja a mesma coisa que nossa teologia.

É aqui neste ponto que existe uma diferença gritante entre a teologia bíblica – através da qual se olha o mundo perdido – e a Teologia da Libertação. A diferença entre a Teologia da Libertação e a Bíblia, na questão do opressor e do oprimido, é muito simples. A Teologia da Libertação vê o oprimido *apenas* como uma sempre-vítima, e o opressor *apenas* como um sempre-culpado. A Bíblia, no entanto, vê diferente. A Bíblia vê o oprimido, reconhece que ele *está* social e economicamente oprimido, e que a pressão contra ele é pecaminosa. Mas a Bíblia diz que, conquanto o oprimido tenha que ser liberto de sua condição sócio-econômica de cativo, ela também diz *é* culpado. De fato, ele está oprimido e é culpado. Ele é vítima no nível social e culpado no nível moral e espiritual. Além disso, enquanto a Bíblia denuncia que o opressor está em pecado, também vê nele uma vítima da sua própria opressão, que lhe destrói a vida. Assim, Deus levanta profetas para defender o oprimido, como profetas para denunciar o opressor. Contudo o profeta que defende o oprimido também o confronta com seu pecado. Isso porque não há nenhuma virtude salvadora em ser oprimido. Quanto ao opressor, Deus levanta profetas para o confrontar. No entanto ele também tem que ser visto como ser vitimado, visto ser desgraçadamente vítima do seu próprio coração empanturrado de crueldade, de insensatez e de insensibilidade.

Não inventei isso que lhe estou dizendo. Pelo contrário, uma leitura sem ideologização do evangelho mostra isso de maneira clara e simples. É fácil comprová-lo na prática de Jesus de Nazaré. Pois ele se relacionou com pobres e oprimidos, mas também com poderosos, os quais, de acordo com a definição da Teologia da Libertação devem ser chamados de opressores. Ele também se relacionou com os opressores, pois nunca teve peso nem medida, sendo capaz de denunciar a opressão feita pelo opressor sobre o oprimido, anunciando a libertação que o Reino de Deus promove e ainda assim convidando o oprimido a ser liberto de seu pecado pela via do arrependimento. Ele agia assim porque a entrada no Reino de Deus só

acontece – seja para pobres ou ricos – através da porta do arrependimento. É por essa razão que confronta fariseus. Politicamente eles eram oprimidos pelos romanos, como toda a nação de Israel. Do ponto de vista religioso, eram opressores dos menos comprometidos, através do legalismo que contra eles praticavam. No entanto, do ponto de vista econômico, o fariseu era tudo, menos opressor. Se você ler o evangelho sem os reducionismos e as pré-compreensões político-ideológicas, você chegará à conclusão de que o fariseu dos dias de Jesus tem que ser visto como fazendo parte do grupo dos pobres. Ele é um pobre religiosamente arrogante, mas economicamente pobre; é um pobre chato e preconceituoso, mas pobre.

Se você tem dúvida a esse respeito, leia Joaquim Jeremias ou qualquer outro especialista dos costumes e da vida dos dias de Jesus, e você vai ver que em geral todo fariseu era pobre. Mas, apesar disso, Jesus o desmoralizou, porque era um pobre extremamente altivo, legalista, desumano, impiedoso e duro (Mt, 23: 1-34); um pobre poderoso no exercício da sua religiosidade tirana.

Jesus também esteve com o povo. Ele não tinha apenas uma mensagem para o povo, mas muitas. Sua mensagem variava entre consolação e enfrentamento de pecado – com doçura, com ternura, mas ainda assim enfrentamento. Também esteve com ricos, e sua mensagem para eles não era apenas uma única. Ouvimos falar que Jesus comia com publicanos e pecadores e quase sempre pensamos naquele pessoal esfarrapado, no João-ninguém da Galiléia. Mas o publicano era tudo, menos o João-ninguém da Galiléia. Em geral o publicano era rico, e extremamente desonesto, opressor, aliado ao império dominador, abusador do povo, explorador, colocando as taxas e impostos nos níveis os mais altos possíveis. No entanto, apesar disso, Jesus entra na casa deles, come com eles e lhes anuncia o Reino de Deus.

Vemos ainda Jesus se relacionando com a prostituta, e sempre imaginamos a prostituta lá do canal do mangue, no Rio de Janeiro, uma pobre coitada. Mas alguns especialistas em cultura dizem que a prostituta, nos dias de Jesus, era uma profissional qualificada, ganhando um bom dinheiro. Em relação àquela sociedade ela vivia bem: com seda, boa roupa e bom perfume. Era uma pecadora de primeira categoria.

Outro grupo de ricos com o qual Jesus se relacionava era o das mulheres ricas da Galiléia, conforme diz Lucas, 8. Elas o serviam com seus bens e investiam nos seus projetos evangelísticos. Não vemos Jesus ter uma mensagem ideológica que o fizesse tratar prioritariamente as pessoas em função do grupo social ao qual pertenciam. Pelo contrário: nós o vemos

sendo justo sempre, guiado pelo Espírito. Ele vivia sem pré-compreensões determinantes do que tinha que dizer.

O Embotamento dos Dons

O excesso de ideologia também estava matando a possibilidade de Jonas usar toda a riqueza da sua vida e dos seus dons na perspectiva missionária da expansão do Reino de Deus. Digo isso porque ele tinha uma tremenda capacidade de comunicar o evangelho. Tão tremenda que, mesmo não querendo, ele falava e as pessoas se convertiam. Jonas era uma figura incrível, com uma capacidade natural de se comunicar e uma enorme habilidade para expressar-se em línguas estrangeiras. Observe o versículo 8 do capítulo 1: ele fala no navio (e aquele não era um navio de hebreus; era um navio indo para o fim do mundo, com gente do mundo inteiro), mas nem assim é denunciado como estrangeiro. Ou seja: ele falava a língua dos outros sem sotaque. Perguntaram-lhe de onde vinha, qual sua ocupação, a que povo pertencia. Como ao falar seu sotaque nada revelou, foi obrigado a dizer de onde vinha. Em Nínive não encontra nenhum problema de comunicação em assírio. Não usa intérprete para se fazer entender. Tinha uma habilidade realmente enorme para se comunicar; só que ela estava sendo destruída.

A absolutização ideológica na vida reduz seu próprio potencial. Pessoas com um imenso potencial, mas que se deixam dominar por ideologias, acabam se auto-excluindo da totalidade da vida e deixando de utilizar seus dons à altura de sua potencialidade; reduzem também seu público de ministério, ao imaginarem que alguns não são dignos de as ouvirem ou de serem objeto de seu cuidado.

Isso me faz lembrar uma conversa que tive com um irmão, que trabalhava numa determinada igreja com outro pastor. Perguntei a ele: “E aí, como é que vai a igreja? E vocês dois, como estão se dando lá?” (Ele é uma pessoa bem ideologizada). Ele disse: “Eu! Aquele povo não me agüenta mais. Aquela cambada de burgueses sem-vergonha! É mulherada com cílios postiços, peruca e o resto. Aquilo lá é desgraçado. Aquela gente é pro fulano (o outro pastor). Ele ministra para a “alminha” deles. Quando vou lá, esculacho com aquela cambada; eles nem me querem ver mais. Eu agora já não prego mais na igreja. Ninguém me convida mais para pregar”.

Ora, essa pessoa tem uma capacidade enorme de se comunicar, mas a visão ideológica o restringiu de maneira tão séria que as pessoas já não são mais para ele; são burgueses, ou do proletariado. De acordo com sua visão não há mais a menor chance de haver graça de Deus para reconciliar

Onésimo (o criado) e Filemon (o patrão). Filemon, o patrão, não tem mais a menor chance de ser irmão.

Pessoas me perguntam, às vezes, como consigo me relacionar com grupos os mais variados. Perguntam se estou em cima do muro, ou sobre o que falo quando estou com os liberais, com os progressistas, com os pentecostais ou com os conservadores. Ora, minha resposta a elas é que não faço nada de especial. Talvez a única razão pela qual todos continuam a me convidar seja o fato de procurar não chegar a lugar nenhum com a *cabeça totalmente “feita”*. Tenho tentado pregar *apenas* a Palavra de Deus. Quando sobra para eles, sobra para eles. Mas não chego lá tentando a priori classificar os irmãos, colocar rótulos, tarjetas ou clichê neles, separando-os como carismáticos alienados e ortodoxos politizados, conservadores direitistas e liberais esquerdistas. Pois considero ridículas todas essas classificações. Além disso, enfado-me tremendamente quando alguns irmãos definem os outros como se não passassem de uma substância química como mercúrio ou potássio, separáveis pelo poder inquestionável da “lucidez” ideológica daquele que julga.

Para mim a situação é bastante simples. Isso porque, se alguém se diz meu irmão, eu chamo de irmão. Se sinto identificação maior, chamo de “amado irmão”. Se me beija, beijo de volta. Se me abraça, também abraço. E digo sempre o que penso e aquilo em que verdadeiramente acredito, expondo as coisas a partir de uma perspectiva bíblica. Se doeu, faço o possível para que a dor seja sadia; se fez cócegas, bom. Se achou graça, ótimo. Se fez gargalhar, melhor ainda; se chorou de quebrantamento, que maravilha! Sei que é extremamente perigoso o que vou dizer. No entanto, apesar de minhas profundíssimas ambigüidades, tenho feito o possível para tentar viver simplesmente em função de meu compromisso com as Escrituras e nada mais. Assim é que, se o irmão gostou, gostou (e eu gosto de ser gostado); não gostou, não gostou (e sofro um pouco, quando percebo que não sou gostado). No entanto não peço a ninguém que goste de mim, que me convide, me paparique, nem coisa nenhuma. Apenas, como já disse, apesar das minhas ambigüidades, que sei que são muitas, o que tenho tentado fazer é compartilhar o Evangelho do modo mais desideologizado que me seja dado fazer, para que meu potencial, os dons que Deus me deu, sua graça em minha existência, não se reduzam, e eu venha a ser simplesmente alguma coisa que beneficie apenas um grupinho de pessoas totalmente idênticas a mim, com igual maneira de pensar. Para ser franco, não tenho muito interesse em pregar àqueles que pensam como eu penso. Digo isso porque acredito que andar exclusivamente com os iguais e só fazer teologia com os iguais é algo tão egoísta e infantil quanto reunião de adolescentes que se juntam para falar das meninas de que gostam e se

masturbam em grupo. Sei que a expressão é forte, mas para mim é o que mais caracteriza os encontros dos iguais, nos quais todo mundo diz o que todo mundo gosta de ouvir e nada novo surge, nada novo é gerado, ninguém mais é alcançado, coisa alguma é produzida. O auditório que mais me atrai é aquele dos que pensam diferente de mim. As pessoas que mais procuro são aquelas que não estão identificadas comigo, pensam às vezes de uma forma totalmente oposta à minha. Caso contrário corro o risco de sucumbir na síndrome de Jonas. *Talvez um bom princípio seja você pensar que é chamado a ser totalmente radical com você mesmo, a fim de poder ser totalmente generoso para com todos.* O problema é que na maioria das vezes somos totalmente generosos para como nós mesmos e absolutamente radicais no nosso juízo para com os outros. Cobre compromissos de você mesmo, mas seja generoso para com o irmão. E deixe os resultados da vida dele com o único que pode produzir “o querer e o realizar”, que é o Espírito de Deus.

Uma Atitude Existencial Negativa

O excesso de ideologia também passou a determinar a atitude existencial de Jonas. Isso porque a possibilidade da conversão de um inimigo tirou todo o prazer da sua vida. O que pode ser visto em muitos lances da vida do profeta, como por exemplo no seu ato de fuga de Deus, no seu sono enquanto outros lutam pela vida, na sua incapacidade total de orar, na sua desistência de si mesmo e no seu pedido mórbido e suicida. *O excesso de ideologia na vida pode tirar toda a nossa visão de transcendentalidade da própria vida.* Quando isso acontece, a idéia da transcendência sempre soa como sendo sinônimo da idéia da alienação. Durante muitos anos nós, povo evangélico deste país, fomos apenas o povo da transcendência; o povo da verticalidade, da imaterialidade, do abstrato, do falar para cima, sem voz para a sociedade no meio da qual Deus nos fez nascer. Mas eu temo que nos últimos anos muitos de nós estejamos correndo o risco inverso – o risco de termos perdido a transcendentalidade, a consciência do abstrato, o valor e a importância do ser humano “perdido”; de termos perdido a percepção de que não é apenas aquilo que se vê o que importa para a vida. Minha intenção neste livro é recuperar a imanência com a transcendência da fé; o valor da história e da trans-história. É recuperar a possibilidade de viver na história, conscientes da história, partícipes da história, porém com o coração cheio de transcendência. O homem de Deus tem que ser alguém que sonha com transformações da atual história da sociedade, mas que não condiciona todas as suas esperanças a essa dimensão da existência. Afinal, foi o próprio apóstolo Paulo quem disse que se a nossa esperança em Cristo se limitasse a esta vida seríamos os mais infelizes de todos os homens. Com isso ele não nos

manda ter esperança apenas para a eternidade. O que ele diz é: não limite a sua esperança apenas a esta vida. Tenha esperança aqui, mas viva uma esperança que não seja só daqui. Viva uma esperança pertinente ao hoje, mas que transcenda o aqui e o agora.

Esta é a grande vantagem de ser cristão: você sonha com tudo aqui, e, se porventura tudo aquilo com que você sonhou não deu certo, você não precisa morrer de crise de angústia existencial. Você não estará morrendo no escuro. Afinal, existe sempre a esperança de você viver como Habacuque: apesar de não haver frutos na figueira; apesar de as vacas estarem mirradas; apesar de os campos estarem secos e a história trágica, você continua a se alegrar no Deus da sua salvação.

Tenho visto alguns irmãos vivendo envoltos por um profundo sentimento de perda, de vácuo, de vazio. Isso porque se entregaram religiosamente ao projeto marxista. Quando viram seu sistema ideológico desmoronar, perceberam que toda a sua vida estava estruturada sobre a esperança da sociedade marxista. Ora, alguns deles ficaram, e ainda estão, profundamente deprimidos.

Sinto-me muito à vontade para escrever acerca disso porque é o que venho dizendo desde 1985. Quem foi ao Congresso da VINDE em 1985 me ouviu dizer que nosso compromisso é com o Reino de Deus, não com uma ideologia específica. Se essa ideologia diz coisas que têm a ver com a Bíblia, bom para a ideologia. Meu compromisso, todavia, é com o Reino de Deus. Lembro que àquela altura um irmão conversando comigo me disse: “Eu, na qualidade de cristão marxista, penso o seguinte(…)” Então disse o que pensava. A seguir, me questionou acerca da minha opinião sobre o mesmo assunto. Respondi assim: “Eu não tenho condição de responder a essa pergunta porque não sei como é pensar dentro de um sistema ideológico completamente fechado. Fechado eu não gosto, nem de teologia sistemática. Tento pensar como cristão, e olhe lá! na maioria das vezes não consigo! Você pensa como um cristão marxista. Você deve pensar coisas que eu não penso. Ora, eu não estou tentando ver a história com os olhos de Marx. Para mim, os melhores olhos para se enxergar a história ainda são os olhos de Jesus de Nazaré. Eles me bastam”.

Com Jonas as coisas foram também assim. Ele deixou de ver a vida com os olhos de Deus e passou a enxergá-la com os olhos do nacionalismo israelita. Por isso, o fato da conversão do inimigo gerou um vazio total na sua vida; um sentimento da mais profunda amargura, terminando por desenvolver uma atitude existencial suicida. Jonas, 4:1 diz que a conversão dos ninivitas o deixou irado. Imagine aquele pregador evangélico

progressista que é forçado a pregar no Rotary, no Lion's Clube do Brasil, contra a sua vontade, pois se trata de entidades burguesas e de burgueses. Cheio de ideologia anti-rotariana, Deus o coloca lá e lhe diz: "Prega". Aí ele diz: "Ainda 40 dias e o Rotary será subvertido". Está tão convencido, que garante: "Será subvertido mesmo". Aí o povo começa a cair de joelhos chorando: "Senhor Jesus, misericórdia!" E o pregador fica furioso, com ódio dessa gente que se converte; desses imperialistas sem-vergonhas que se entregam a Deus.

A situação de Jonas era mais ou menos essa. A conversão dos ninivitas o fez orar de raiva, diz o cap. 4:2. O interessante em Jonas é que ele não orava em hipótese alguma, só com raiva. Não orava nem mesmo para salvar sua vida. Mas de raiva ele orava. Ele desenvolveu a espiritualidade do ódio e da vingança. Ora, tal espiritualidade tem aparecido muito freqüentemente na história do povo de Deus. É a mesma que levou João a perguntar a Jesus: "Senhor, queres que façamos descer fogo do céu para consumir esses samaritanos?" Foi essa mesma espiritualidade que levou alguns "irmãos" a entregarem "devocionalmente" seus irmãos de fé em muitas revoluções de direita e de esquerda. E note: qualquer excesso de compromisso ideológico, seja de direita, seja de esquerda, gera o mesmo tipo de espiritualidade raivosa, e que raramente fala com Deus. A absolutização da ideologia exige sempre algumas coisas de nós, e nem sempre permite que falemos com Deus a respeito. Pois, nesse caso, falar com Deus parece não servir aos propósitos imediatos e horizontais da história.

A conversão dos ninivitas fez Jonas jogar na cara de Deus a idéia de que a história não muda em virtude de sua des-ideologizada bondade. Jonas diz no capítulo 4 v.2: *"Ah, Senhor! Não foi isso o que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso me adiantei, fugindo para Társis, pois sabia que és Deus clemente, misericordioso, tardio em irar-se, e grande em benignidade, e que te arrependes do mal"*. Em outras palavras: "O que tu dizes, e nada, é a mesma coisa. Se a história fosse depender de ti para mudar a sociedade, estaria perdida. Ou a gente faz uma revolução armada, ou esse pessoal não cai. Porque se for depender da tua misericórdia pode ser que tudo continue como está".

A ideologia exige que se tenha o poder do ódio por uns, para que seja capaz do amor por outros. Essa é a realidade afetiva do sentir ideologizado. Você nunca ama porque ama. O amor é quase sempre o oposto de um outro sentimento que governa a alma; nesse caso, o ódio. É preciso odiar alguns para que a possibilidade do amor por outros esteja no coração. Por isso a conversão dos ninivitas fez Jonas pedir a morte a Deus, num último gesto

de raiva de Deus. Em outras palavras: “Agora, Senhor, deixa eu morrer como um profeta sério. Não quero viver para ver a salvação desse pessoal que odeio”.

A conversão dos ninivitas – mostram-nos os versículos 6 a 8 do capítulo 4 – torna Jonas um ser mesquinho e totalmente egoísta. Ele estava pensando só em si, no seu bem-estar, naquilo que lhe agradava, no seu prazer, seu conforto. Esse é um paradoxo que se vivencia quando se está encharcado de perspectivas ideológicas do tipo coletivista. Neste caso o coletivismo **pode** gerar um tremendo egoísta em relação a um único ser que a pessoa não deixa de levar em consideração, que é ele próprio. Ela vive em função de um discurso coletivista. Mas ela tem que viver com uma pessoa que não pode ignorar: ela mesma. As duas realidades que mais produzem o egoísmo são o individualismo (capitalista) e o coletivismo (marxista). Essas são as duas fábricas de egoístas mais inveterados na história contemporânea: o individualismo, que afirma só o indivíduo, e que é ideologicamente indivíduo-centrado, e o coletivismo, que afirma só a coletividade mas se esquece de que quem a afirma continua sendo um indivíduo. E como o indivíduo na coletividade não vale, só o que vale é a coletividade, mas ele não pode negar que continua a ser indivíduo – porque para ser afirmador da coletividade tem que ser um indivíduo que afirma a coletividade -, então, na sua solidão individual ele vive seu próprio egoísmo. Passa assim a viver interessado pelo único indivíduo do qual não pode fugir, ele mesmo, ao passo que os outros são por ele amados de maneira idealizada, na figura de um ser chamado de “a sociedade”. Esse é o chamado egoísmo dos coletivistas. Neste caso, o único ser que importa sou eu, e se me interessa pela coletividade é que para mim só tem sentido aquilo que existe no *todo*. E o *todo* só faz sentido se visto na perspectiva social e política. Mas quando eu chuto a pedra, o dedo que dói é o *meu*; quando pego gripe, a garganta que dói é a *minha*; quando faz calor, a testa que sua é a *minha*. E como eu não tenho mais ninguém com quem dividir-me a mim mesmo – porque tudo que sobrou foi a coletividade -, eu, que amo a coletividade e não tenho mais ninguém individual para amar, acabo amando a mim mesmo mais do que devia amar.

Assim é que o coletivista é freqüentemente apanhado tratando mal os filhos ou deixando sua mulher. Pois, afinal de contas, família e casamento são coisas da burguesia. Às vezes vejo certos coletivistas tratando mal sua empregada, pois pensando bem, não faz sentido tratá-la bem. Quem tem que tratar bem a empregada é o Estado, o sindicato, a “sociedade”. Às vezes ele trata mal até mesmo o pedinte que chega à sua porta. Afinal, o pedinte não deve ser ajudado individualmente, pois ajuda de indivíduo para indivíduo é quase sempre entendida como sendo “assistencialista”. Para

tais pessoas, trabalhos como o da madre Tereza de Calcutá são ingênuos, são bobagem. Isso porque o discurso de mudança das estruturas tem se tornado muitas vezes uma elegante desculpa para justificar o egoísmo de muitos. Muita gente diz: “Não vou fazer nada pelo mendigo porque não adianta nada enquanto a estrutura não mudar. Não vou dar, para não introjetar a culpa de pedinte nele, e não aplacar a revolta revolucionária dentro dele”.

Isso me faz lembrar uma conversa que tive com uma moça que certa vez me deu uma bofetada de pensamento. Há alguns anos eu estava tentando evangelizá-la. Isso foi mais ou menos em 1975. A visão que ela tinha sobre a vida era profundamente social. Falou-me sobre algumas mudanças para a sociedade, e eu disse: “Que é isso? Deixe de ser utópica. Nossa esperança é o Senhor Jesus, que vai voltar, e vai mudar todas as coisas. Não adianta trabalhar contra esse fato inexorável e único”. Ela então disse: “Tá bom, o Senhor Jesus vai voltar. Tomara! Eu não acredito nele, mas estou doida que ele volte. Porque se a volta dele vai melhorar esse negócio, ótimo”. E continuou: “Mas enquanto o seu Senhor Jesus está vindo, por que a gente não faz alguma coisa para melhorar esse caosinho?” Levei uma bruta pancada, e fui para casa com essa frase: “Enquanto o seu Senhor Jesus está vindo, por que a gente não faz alguma coisa para melhorar esse caosinho?”

Acredito que é isso que a gente deve hoje dizer ao pessoal que transferiu a cura da sociedade para a mudança estrutural. Minha utopia naqueles dias era a vinda de Jesus, a utopia mais real do mundo, e que continuo a esperar com santa expectativa. Continuo a crer nisto de todo o coração. O que mudou foi que aquela moça me deu um tapa tão bem dado que agora, enquanto aguardo a vinda do Senhor estou tentando fazer alguma coisa para melhorar esse caos que está aí. Mas os irmãos da fé sobretudo na “mudança estrutural” colocaram a “mudança estrutural” no lugar da certeza e da esperança da vinda de Jesus. Eles dizem: “Enquanto a mudança estrutural não acontecer, não adianta fazer nada”. Penso que devemos dizer a esses irmãos que, enquanto essa mudança não vem, temos que fazer alguma coisa para melhorar esse caos. Essa é a receita do bom samaritano e de Mateus, 25, onde Jesus manda começar a fazer o bem independentemente de haver uma “mudança estrutural” na “baixada de Jericó”, ou ainda independentemente de sua volta.

Umas mil Madre Tereza de Calcutá na Igreja Evangélica brasileira – com mudança ou sem mudança estrutural – iriam fazer uma bruta diferença, tenha certeza!

Uma Mensagem Condiionada

Além de tudo do que já vimos, devemos ainda afirmar que o excesso de ideologia passou a determinar e condicionar profundamente a mensagem de Jonas. Não somente sua visão missiológica, sua percepção da vida e a própria existência foram alteradas, gerando nele sentimentos de angústia irreparáveis, mas também sua mensagem foi mudada.

A primeira convocação para pregar em Nínive dizia o seguinte: *“Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim”*. Tratava-se, portanto, de uma pregação de arrependimento. A prova disso está no fato de que a cidade era chamada de A Grande Cidade de Nínive. Ora, em Jonas, 3:2-3 essa expressão tem um significado positivo, revelando a intenção de Deus preservar a cidade caso houvesse arrependimento: *“Ora, Nínive era cidade mui importante diante de Deus”*. A própria atitude de Jonas, fugindo para Társis, revelou que ele sabia que não era intenção de Deus destruir, mas salvar. No cap. 4:2 ele diz: *“Fugi, pois sabia que és Deus clemente”*. Ou seja: *“Sabia que não irias destruir a cidade”*. Jonas sabia que a mensagem a ser pregada não era uma mensagem de destruição; pelo contrário, deveria ser uma mensagem com aquele famoso “Se” de Deus: *“Se não vos arrependerdes, sereis subvertidos”*. Isso porque a mensagem de Deus sempre deixa uma porta aberta para qualquer um. Sempre há a possibilidade da graça e do arrependimento. Jonas sabia disso. Essa era a idéia que a convocação à pregação passara a Jonas.

A segunda convocação para pregar em Nínive dizia: *“Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela”*. Jonas foi e pregou o seguinte: *“Ainda quarenta dias e Nínive será subvertida”*. E começou a contagem regressiva, morbidamente esperançosa: menos um dia, menos dois dias etc. Para Jonas, o fato de Deus tê-lo salvo do monstro marinho e dado a ele outra chance parece ter sido interpretado como um sinal de que a pregação em Nínive terminaria dessa vez com o bem-sucedido resultado de sua destruição. Além disso, o fato de que na segunda mensagem Deus usou uma expressão que não usara na primeira – ou seja: *“Proclama contra ela”* – pode ter animado Jonas com a perspectiva de que o Juízo Final viria sobre Nínive. Ora, tais fatos nos mostram que o excesso de ideologia na vida de Jonas alterou significativamente os seguintes aspectos da sua mensagem:

1- Houve alteração na expectativa da mensagem de Jonas, que passou a ser a expectativa do Juízo, e não mais do arrependimento e da salvação.

2- Houve alteração na hermenêutica pela qual ele via e lia a Palavra de Deus. Agora ele lia a Palavra a partir da hermenêutica da ideologia. Por isso a expressão “proclama contra ela” foi interpretada como se não houvesse nenhuma chance, nenhuma porta aberta para a salvação de Nínive na história.

3- Houve alteração no conteúdo da pregação de Jonas, que passou a ser determinado pela escatologia condicionada pela sua visão político-histórica. Por isso ele dá uma pesadíssima ênfase à palavra que é traduzida na nossa Bíblia como “*subverter*”, e que no caso em questão passa a ter uma ênfase totalmente diferente. Literalmente, a ênfase que Jonas coloca na palavra “subverter”, de acordo com o texto original, faz a idéia ficar assim: “Nínive já foi destruída. Em 40 dias se ficará sabendo disso. Não há mais nenhuma chance”. A palavra traduzida como “subverter”, no Velho Testamento, tem muitas vezes o significado de “alterar” ou “transformar”, como no caso de I Samuel, 10:6-9, Jeremias, 31:13, Êxodo, 14:5, Oséias, 11:8 e Ester, 9:22, onde a mesma palavra que aparece em Jonas tem um significado extremamente positivo. Neste caso ela anuncia a possibilidade de uma mudança, de uma conversão. Ora, se isso é fato, fica aqui demonstrado como o excesso de ideologia pode alterar profundamente o significado e o conteúdo da Palavra que Deus deseja que preguemos.

Uma Profunda Mudança na Visão de Deus

Finalmente, o excesso de ideologização passou a determinar a visão que Jonas tinha de Deus, agora completamente alterada por seu encharcamento ideológico. Tudo mudou. Primeiramente, mudou sua visão de Deus em relação ao indivíduo. Isso porque o excesso de ideologia lhe roubou a visão de que Deus também está nele interessado. Por isso ele tenta fugir. Afinal de contas, Deus não iria se ocupar com as decisões do indivíduo.

Aqui fica uma palavra de advertência. Quando olhamos à volta, percebemos gente que caiu no excesso de ideologização coletivista, perdendo a percepção da importância e do significado das decisões individuais. Ora, isso tem ocorrido na história da fé de muitos daqueles que em volta de nós, e sem o sentirem, estão destruindo a própria vida em aspectos e dimensões importantíssimas. Na prática, essa visão é como a dos fariseus, aqueles que tinham um próximo selecionado, como Jonas. Para Jonas os seus “próximos” eram apenas os do povo de Israel. Os ninivitas *não eram* “próximos”, e Jonas dava muitas graças a Deus porque *não estavam* próximos. Jesus denuncia essa visão seletiva. De acordo com ele é

visão farisaica. Os fariseus são aqueles que só amam os que são iguais a eles. São incapazes de amar o inimigo, o adversário; incapazes de orar por ele. Em resumo eu diria que, nesse aspecto, o que Jesus diz é o seguinte: *“Assim são os gentios: eles só são capazes de amar os que os amam. Mas eu os chamei para algo mais; chamei-os para que a sua justiça exceda a justiça farisaica; para que sejam capazes de ver no ser distante o próximo. Quero que sejam capazes de ver o próximo no diferente, de ver o próximo no antagônico, no adversário”*.

Para Jonas mudou também a visão de Deus em relação à história. O excesso de ideologia lhe roubou também a visão de que o que se vê na história não é toda a história a ser vista. A história é mais do que aquilo que é possível ver nela. Talvez tenha sido por isso que Jonas pensou que por estar tudo dando certo, ter dinheiro no bolso, poder comprar o bilhete, encontrar o navio saindo, Deus lhe concedia a fuga. O excesso de ideologização sempre gera o excesso de historização, que sempre gera o excesso de imanentização, o que faz a pessoa entender a história sempre apenas dentro da história. Quando isso acontece, fica-se incapaz de ver o que está atrás da história; fica-se incapaz de ver o que está para além dela.

Uma outra mudança que ocorreu na visão de Jonas foi a relacionada ao papel de Deus em relação a dar sentido à existência individual. O excesso de ideologia dá a Jonas uma visão de um Deus que nada tinha a ver com a significação pessoal da existência do indivíduo. Talvez por isso ele se entregue à morte sem oração, e peça a morte duas outras vezes. Com isso não estou afirmando que devemos pleitear o individualismo. Acho que o individualismo é pecaminoso. Estou apenas dizendo que esse coletivismo que tira a perspectiva da relação significativa de Deus com o indivíduo é igualmente pecaminoso e deturpador do valor da própria vida. Por último, eu diria que se mudou a idéia da relevância de Deus no processo histórico. Excesso de ideologia fê-lo ver em Deus um agente ineficaz no processo de transformação da história, diz o cap. 4:2. Agora o que interessava eram apenas os instrumentos concretos de transformação do enfrentamento do inimigo político. Já tenho ouvido alguns irmãos dizerem o seguinte: *“Precisamos de uma nova visão de Deus, uma visão capaz de nos ajudar no processo de conscientização ideológica”*. Ou seja: para tais pessoas não é minha visão de Deus que deve determinar minha leitura da vida. Ao contrário: eu devo ter uma visão de Deus que venha a adequar-se às minhas necessidades ideológicas. Neste caso dizem: *“Essa visão de Deus não ajuda a nossa idéia de ideologia; precisamos re-pensar Deus”*. Busca-se então um Deus que favoreça a própria visão e perspectiva ideológica.

Tudo o que tenho dito até aqui tem a finalidade de mostrar que muitos de nós provavelmente estamos vivendo o mesmo tipo de encharcamento ideológico que Jonas viveu. Se isso for verdade, então fiquemos preparados para os resultados práticos na nossa vida:

1- Uma vida sem paixão pela evangelização e pela ação missionária da igreja.

2- Uma vida amarga, crítica, infeliz, magoada, ácida, excessivamente histórica e sem nenhuma visão da transcendentalidade da fé.

3- Uma vida condicionada a pregar aquilo que a ideologia política ditar, incapaz de filtrar os condicionamentos ideológicos que nos cercam, pelo fato de já estar, e a priori, totalmente entregue a eles.

4- Uma vida com visão distorcida de Deus, um Deus desinteressado do indivíduo, desinteressado do inimigo; um Deus totalmente condicionado à história, sem significação para a existência pessoal; um Deus ineficiente no processo histórico.

Enfim, se não tomarmos cuidado, correremos o risco de nos tornarmos uma liderança profética, porém atéia na prática. Atéia porque não ora, não ama, e porque sabe sobre Deus contra si mesmo. Atéia porque até os supersticiosos da história amam mais a Deus do que nós.

Resumindo: precisamos hoje de quatro coisas básicas e fundamentais:

1- Ser politicamente lúcidos e participativos, mas ideologicamente o mais desengajados possível.

2- Ser cheios da Palavra e o menos possível cheios de ideologia.

3- Entender que nossa participação profética ou política na sociedade tem que ser fundamentada na Palavra do Reino, e não na última moda ideológica, seja de esquerda, de direita, ou de centro.

4- Entender que os interesses de Deus na história são maiores que os interesses de qualquer ideologia, por mais abrangente que possa ser.

“Ó vinde vós, os povos de todas as nações.

Erguei-vos e cantai com alegria,

Fazei nos ares soar a nova melodia:

Que Jesus Cristo traz libertação.”

III

Liderança e Compreensão da Soberania de Deus

O Livro de Jonas não nos coloca exclusivamente diante de aspectos negativos da vida de Jonas, em razão de ele se haver deixado envolver demasiado por uma ideologia nacional, política e religiosa, que lhe tirou a visão da missão, dos valores da existência individual e social fora de Israel, da mensagem a ser pregada e do Deus a quem devemos obedecer e amar. Ele também nos coloca perante a realidade de que Deus é um Deus que age soberanamente na história, apesar de tantas vezes seus instrumentos não estarem suficientemente dispostos a ser os instrumentos de seus desejos e intenções para a história. Esse elemento que fala sobre a soberania de Deus na história é extremamente importante, quando se pensa em formar a mente daqueles que serão os novos líderes da igreja. Isso porque, sem percepção dessa soberania, nunca estaremos capacitados a aceitar as mudanças que ele promove na nossa vida e diante de nós, sem nos pedir licença.

Freqüentemente, quando andamos com Deus, inúmeras frustrações nos atingem. Ora, isso acontece pelo fato de que nesse caminhar Deus se reserva o direito de fazer mudanças de direção, planos e projetos. Isso nos força a nos reciclarmos, a nos readaptarmos, a reforçarmos toda a nossa existência e nos re-situarmos no projeto de Deus para a nossa vida e nossa história.

Não é raro que na intenção de andarmos com Deus, de fazermos seu ministério, de sermos úteis a seu povo, vivamos crises do tipo de Jonas. De repente, algumas das coisas que estavam mais ou menos amarradas e armadas na mente de Jonas foram subitamente alvoroçadas, chacoalhadas, conturbadas pela voz de Deus. Por isso ele tinha agora que re-focar a vida. O problema é que ele estava com dificuldade de fazer esse refocamento do próprio projeto ministerial à luz de uma nova direção que Deus lhe estava dando, e que ele não tinha a menor dúvida de proceder dele. Sua crise não era a de conhecer a vontade de Deus, mas quando realizá-la. Ora, isso acontecia porque ele tinha uma tremenda dificuldade de adaptar o que Deus lhe falara à sua visão da história contemporânea.

Deus no entanto é absolutamente livre, não se deixa condicionar por nenhuma de nossas modas filosóficas ou ideológicas. E o mais inequívoco exemplo de que ele é livre e está solto na história é que ele age, soberanamente, contra todas as perspectivas que possam levantar-se contra a realidade de sua soberania. Deus frequentemente está na contramão da história humana. Ele está na mão da história que ele mesmo está escrevendo. Por isso ele está muitas vezes na contramão dessa história que ele está consertando. E ele age de maneira extremamente estranha. Trata-se do exercício de uma sutil soberania, como diz o Salmo 77:19: “Pelo mar foi o teu caminho, as tuas veredas pelas grandes águas, e não se descobrem os seus vestígios”. Trata-se de um poder capaz de abrir o Mar Vermelho, de fazer o povo passar a pé enxuto por ele, mas é impossível achar vestígios do Deus que abriu as águas. É preciso ter fé para enxergar a intervenção poderosamente sutil do Deus que as abriu. Porque se você não tiver fé, se for procurar apenas os vestígios, você vai ficar com a teoria de que foi o vento que abriu o mar, e Deus não teve nada a ver com isso. Ora, isso acontece porque o poder dele é poderosamente sutil e sua soberania na história é esmagadoramente delicada. Estou afirmando isso porque, se não tivermos os olhos abertos, talvez não enxerguemos alguns dos atos e movimentos de Deus na história, realizados contra todas as previsões da história, dos historiadores, bem como dos especialistas.

Fico atônito nestes dias, especialmente quando vejo a reunificação das Alemanhas. O que parecia algo absolutamente distante, impossível, aconteceu e apanhou todos os especialistas de choque, de surpresa. Vi as entrevistas feitas com um dos maiores especialistas em história contemporânea e ciência política, bem como especialistas nas Alemanhas, nos Estados Unidos e na Europa. Alguns, não tão sinceros, tartamudearam: “É... é..., havia, quem sabe, alguns indícios...” Mas ninguém foi categórico ao ponto de dizer: “É, eu já estava dizendo isso há muito tempo (ou desde o ano passado; ou dois meses antes)”. Simplesmente as coisas começaram a cair e o mundo ficou pasmo. É isso que Jacques Elull diz num de seus livros. Ele é historiador, professor de Ciência Política e especialista em História das Instituições. Elull diz que a coisa mais previsível sobre a história é sua imprevisibilidade, você pode apenas contá-la. Se alguém se apresentar diante de você com a perspectiva de antevê-la com clareza, pode ter a certeza de que, se Deus não falou com ele que aquilo vai acontecer, ele tem toda a chance de estar redonda e tragicamente enganado. A história é simplesmente cheia de perplexidades. Isso porque, às vezes, numa conjuntura ou num conjunto de fenômenos idênticos, situações totalmente outras são produzidas. Nem sempre se pode dizer que quando os mesmos fenômenos estão juntos, os mesmos resultados serão obtidos. A história nos mostra que, às vezes, muitos fenômenos se conjugam, repetindo alguma

“química de eventos”, havidos um dia em outro lugar. Contudo os resultados das injunções desses fenômenos geram uma outra coisa, totalmente diferente nesse outro lugar ou sociedade.

A questão é: O que o livro de Jonas diz sobre a soberania de Deus na história, e o que isso interessa a nós, líderes cristãos no Brasil de hoje, pensando em como viver nessa nova década?

Os Novos Campos Missionários

Inicialmente eu diria que temos que viver debaixo e sob a expectativa da soberania de Deus, a fim de vermos os novos e inesperados campos missionários produzidos por sua intervenção na nossa existência. No caso de Jonas, o novo campo missionário foi o navio. Tratava-se de um campo missionário inesperado para um profeta que fugia do compromisso com a pregação da Palavra de Deus nas circunstâncias em que lhe desagradava pregá-la. Ele foge da grande e cosmopolita Nínive e cai no cosmopolitaníssimo navio, cheio de gente do mundo inteiro. Quando o texto diz que cada um fazia oração ao seu deus, afirma também a variedade de nações ali representadas.

Essa verdade sobre a maneira estranhamente livre como Deus age na história deveria nos levar a entender que **freqüentemente ele usa os nossos erros de rota para atingir seus objetivos superiores**. Jonas, fugindo de pregar aos gentios prega para mais gentios, em termos de diversidade, do que tencionava fazer. Isso deveria hoje nos levar a re-ver todas as nossas estratégias ou projetos que se absolutizaram. Deveríamos hoje assumir a posição de nos abrir radicalmente a Deus, perguntando e questionando cada uma das coisas que estamos fazendo, a maneira como as realizamos e seus objetivos, as obsessões da nossa mente, nossos sonhos e determinações ministeriais. Devemos fazer isso agora mesmo, deixando o coração aberto à possibilidade de que Deus esteja querendo alterar substancialmente não só a nossa vida como nosso ministério, nosso campo missionário, nossa estratégia de ministério e todas as outras coisas que possam estar atreladas às nossas melhores intenções ministeriais.

É extremamente sadio, de tempo em tempo, se não freqüentemente, ter a mente e o coração abertos para a possibilidade de que Deus nos manobre, coloque-nos num outro lugar, onde nosso próprio ministério se desenvolva, alcance perspectivas totalmente novas, uma influência maior, uma possibilidade maior de estender suas bênçãos à vida de outras pessoas.

É preciso ter senso de destino; é preciso ter senso de missão; é preciso ter senso de propósito na vida. É preciso ter consciência de que não estamos aqui para ver se nossa existência vai dar, quem sabe, em alguma coisa. Estamos aqui com a certeza de que ela dará em algo bom, tem finalidade e propósito. Mas não estamos aqui para absolutizar projetos e estabelecê-los com a fixidez ministerial que impossibilite Deus de nos mostrar ministérios novos, ações novas, modos novos, estratégias novas e percepções novas da vida e do ministério.

Em segundo lugar, temos que ter visão da soberania de Deus a fim de vermos os estranhos e inesperados instrumentos que ele usa. **Freqüentemente Deus usa os instrumentos mais estranhos a fim de atingir seus propósitos salvadores.** No caso de Jonas, ele usa um homem amargo, fugindo dele, cansado de sua bondade, que desistira da vida, que parara de orar, que se tornara indiferente para com o valor da vida individual, como se o valor da vida não passasse de um dado ideológico. Mas é esse homem que Deus usa; é gente desse tipo que ele quer usar. Freqüentemente são pessoas com maneiras e cabeças as mais estranhas que ele usa para abençoar de maneira tremenda a nossa vida. Isso deveria nos fazer entender duas coisas. A primeira delas é que precisaríamos estar abertos a todos os irmãos e todas as pessoas. Muitas vezes a Palavra de Deus, os temas de Deus, as questões de Deus vêm à nossa vida através de pessoas que nunca imaginamos que pudessem trazer algo de Deus para nós. Creio que foi isso que o Ver. Leighton Ford afirmou no VII Congresso da VINDE quando se referiu a algo que lhe dissera certa ocasião, nos Estados Unidos. E o que lhe disse foi que eu, preferencialmente, não leio teólogos conservadores. Isso porque eles dizem todas aquelas verdades nas quais eu creio, e que são para mim como chuva no molhado. Gosto de ler aqueles que me provocam, os liberais, com os quais muitas vezes não concordo, mas que levantam quase sempre as questões certas, sendo freqüentemente para mim os instrumentos de Deus para me ajudar a entender os grandes temas da atualidade. Todavia, nem sempre as respostas dadas por eles são aquelas nas quais eu creio, ou com elas concordo. No entanto, freqüentemente Deus usa os irmãos mais liberais para enriquecer a nossa vida na medida em que nos incitam a dar uma resposta mais bíblica às questões da vida.

Isso me faz lembrar uma das pessoas que mais ampliou minha noção do próprio trabalho do diabo na história: um indivíduo que não crê no diabo. Lia um livro dele no qual ele diz que não crê no diabo como pessoa, apenas como um fenômeno do mal impessoal. Ele foi descrevendo o fenômeno com tanta largueza, tanta riqueza, tanta profundidade; com tanta maldade, mostrando que o negócio pervade indivíduos, sociedade, estrutura

e economia, que quando terminei a leitura estava ainda mais convencido de que o diabo está mesmo aí, à solta. No entanto, se eu disser àquele irmão que a leitura do seu livro me fez crer num diabo no qual ele não crê, talvez ele tome um susto, como foi o caso de Jonas. Jonas acabou sendo instrumento de Deus para pessoas junto às quais ele não queria ser usado como instrumento de Deus. Não raramente Deus usa a confissão do pecado do líder como elemento de autenticação da mensagem. Jonas não diz nada positivo sobre si mesmo; diz apenas que está fugindo ao Deus do qual toda fuga é impossível. Diz que teme a um Deus ao qual não obedece. Diz também que está sendo a razão do terrível “azar” que atingiu o navio. Por último, ele diz que só com seu expurgo do navio poderá poupá-los. Ora, mesmo dizendo tudo isso, ele os leva a Deus, ainda que não o desejasse.

Essa talvez fosse uma verdade que devêssemos internalizar nos dias de hoje. Isso porque nós, povo de Deus, líderes da igreja de Deus, não temos muita coisa bonita e tremenda para falar a respeito da própria igreja e da nossa vida. Muitas vezes eu me sinto na necessidade de iniciar coisas às quais me refiro em lugares onde prego. Antes de mais nada faço uma avaliação crítica do próprio ministério pastoral e da própria realidade da igreja neste país, a fim de ganhar alguma autoridade para falar de Jesus depois. O que observo é que sempre que temos coragem e a honestidade de dizer que as coisas tantas vezes andam complicadas na igreja, e que esta não tem sido a comunidade-consciência de Deus na sociedade, isso, em lugar de fechar o coração das pessoas para a Palavra, na maioria das vezes predispõe-nas a ouvir com muito maior atenção. Neste caso, até seu silêncio fala mais sobre a Palavra da salvação do que sua tentativa acrítica de pregar a salvação sem fazer uma avaliação honesta da própria vida e da igreja.

A Santa Ironia Divina

Em segundo lugar, é preciso que se tenha visão da soberania de Deus, a fim de que se percebam as estranhas e sábias expressões de sua ironia na história. Ora, neste sentido o Livro de Jonas é o livro da ironia divina. E essa ironia aparece em quase tudo que nele se diz e se faz. Observe: a primeira ironia é o nome de Jonas. Literalmente significa “a pomba”. Jonas se dizia um hebreu, aquele que está em trânsito, ou seja, a caminho. Mas quem escreve o livro – certamente não foi Jonas quem escreveu a história – parece estabelecer um contraste com o que Jonas diz que é: “Eu sou hebreu”, o que caminha, o que cruza a vida como peregrino (1:9). Mas Jonas é mais pomba-fugidia que hebreu peregrino. Seu nome era alguma coisa que falava tremendamente da própria vida. Em vez de hebreu

ele era uma pomba sem rumo. Mas é essa pomba sem rumo que é forçada a achar outra vez o caminho da vontade de Deus para a sua vida.

A segunda ironia é que Jonas não quer orar, e cai numa reunião de oração. Ele vai dar num navio cheio de marinheiros, que amam mais a vida do que ele. A terceira ironia é que Jonas não quer pregar, e na sua honesta negação de obediência os pagãos são salvos. A quarta ironia é que ele é o único que diz “Eu sei”, e o faz duas vezes no livro (1:12; 4:2). Ele é o louco e o estúpido da história, mostrando que nem sempre quem sabe muito sobre Deus é quem vive com sensatez.

A quinta ironia é que Deus ensina a Jonas através dos pagãos, mas salva os pagãos através de Jonas. Essa é uma ironia à qual deveríamos estar atentos. Continuo a crer que a Palavra da salvação é incumbência fundamental da Igreja, e que ela é a portadora da mensagem de salvação para o mundo. Mas também creio que freqüentemente o único modo de Deus ensinar à igreja é através dos pagãos e da sociedade, que nada têm a ver com a Palavra da salvação. De modo que, se prego essa Palavra ao mundo, também devo ter os ouvidos abertos para aprender com o mundo lições de amor à vida, criatividade, sensatez e prudência (1:10).

A sexta ironia é que Jonas consegue chegar à terra não quando os homens remam e se esforçam por salvá-lo, mas quando é entregue à morte. A sétima ironia vem da comparação de Jonas a Jeremias, sutilmente feita no texto. Jeremias advertiu a Israel que não derramasse seu sangue, pois era inocente (Jr, 26:15). Neste caso é um verdadeiro profeta advertindo um povo perverso que não derrame seu sangue inocente. No caso de Jonas são os pagãos que pedem a Deus que os livre da culpa do sangue de um profeta desobediente (1:14).

Outras ironias: Enquanto Jonas mergulha no sono da indiferença com atitude mórbida, os marinheiros lutam com paixão indômita pela vida (1:5). Se de um lado ele oferece uma gélida confissão verbal de sua fé em Deus (1:9), insistindo ao mesmo tempo em continuar fugindo dele, a tripulação do navio, por sua vez, busca de uma maneira meticulosa conformar sua vida à vontade de Deus, e assim garantir-se vida (1:11-14). Jonas foge à responsabilidade de pregar à grande cidade de Nínive; a tripulação, ao contrário, expõe-se a grande risco, com a única intenção de salvar a vida de um passageiro: Jonas (1:13). Observamos Jonas completamente emudecido diante de Deus e dos homens, e em contraste os marinheiros agradecendo a Deus por sua misericórdia (1:14-16). Jonas só consegue reconhecer o poder de Deus como Criador e experimentá-lo de modo irresistível quando diante da fúria dos ventos. Os marinheiros, por sua vez, reconhecem a Deus como

Salvador e oram para que sejam salvos, sendo exatamente esse o poder que experimentam da parte do Senhor, que os salva e os livra (1:14-16). Enquanto Jonas deseja a morte, os marinheiros anelam vida. Cumpre-se assim, mais uma vez, uma outra ironia divina: “*Fui achado por aqueles que não me buscavam*”. O fato é que muitas vezes Deus encontra entre estranhos à fé uma obediência que não raro suplanta a dos líderes de sua obra. Jonas foge à sua vocação e mergulha nas águas da eleição para ser bênção para a nação que não ama. Ele paga para fugir de Deus e ganha uma carona para Nínive, na boléia de um Fenemê marinho.

E há mais ironias... Observe: Jonas usa sua nacionalidade para fugir de Deus, enquanto Deus usa coisas inusitadas como o vento e o monstro marinho para executarem sua vontade. Neste caso é interessante que o texto use palavras inteligentes, quando diz: “E Deus designou um grande peixe...”; ou: “Deus falou ao peixe”. São expressões que no hebraico dão a idéia de nomeação de um servo para fazer alguma coisa. Prosseguindo: Jonas prega que Nínive será destruída, e Nínive é transformada. Jonas se recusa a ver a graça e a misericórdia de Deus, enquanto o rei de Nínive e seus grandes, seus pobres e os animais jejuam e clamam pela possibilidade da graça de Deus (3:7-10). E mais: Jonas prega uma mensagem, os ninivitas entendem outra (3:4-5). Jonas diz: “Eu sabia”, mas na realidade não sabia nada sobre o amor de Deus (4:2). Já os ninivitas dizem: “Quem sabe?” (3:9) afirmando suspeita cheia de convicção. E recebem a graça que suspeitam existir no coração de Deus.

Nessa seqüência de ironias aparece uma relacionada a Elias e Jonas. Isso porque Jonas pede a morte depois de ser bem-sucedido na sua missão. Elias, que um dia fizera semelhante oração, dizendo “Peço-te a morte”, pede a morte em razão de estar sendo perseguido em meio à sua tentativa de viver e fazer a vontade de Deus.

A grande e última ironia do livro afirma que o grande dilema de Jonas não acontecia apenas em razão do seu senso ideológico e político, mas baseava-se sobretudo no seu mesquinho sentido de auto-estima e conforto pessoal (4:6-11).

Ora, saber que Deus age assim, de modo tão cheio de ironia, deveria me encher de cuidado frente a tudo aquilo que tomo como absolutamente certo. Deveria me levar a fazer uma tremenda revisão de todas aquelas coisas que assumi como premissas inquestionáveis. Deveria me fazer perguntar a mim mesmo a respeito de todas aquelas verdades e realidades que assumi como intocáveis, porque possivelmente Deus esteja querendo virar todas elas de cabeça para baixo. Pois freqüentemente é assim que ele

age na história: através dos meios e modos mais irônicos, contrariando os nossos sentidos de justiça própria, de saber teológico, ou de profunda convicção pessoal. Parece que essa é toda uma realidade possível de se encontrar na vida. Ora, ninguém deveria ficar admirado com isso, na medida em que as próprias Escrituras estão cheias dessa ironia divina. Afinal, é ou não ironia a história da fé? Ora, trata-se da história de um Deus que escolhe um indivíduo como Abraão, que o deixa até a velhice sob a promessa de que será pai de muitas nações. Depois lhe dá um filho e em seguida lhe pede que mate o filho que seria o herdeiro, aquele que abençoaria todas as nações. Além disso, não lhe dá o espaço de um “T”, na terra que lhe prometera. Também o faz morrer saudando outras promessas de longe, vivendo em fraqueza toda a sua vida.

Pense ainda no caso de Moisés. Enquanto ele está no palácio com o poder nas mãos, não consegue ser instrumento de libertação. Quando troca o cetro pelo cajado e pela graça de Deus, é instrumento seu para libertação de um povo. Ou pense ainda na ironia de Deus na vida de Davi. Ora, ele é o último e desprezível filho de Jessé, mas é ungido rei. É menino que joga pedra com atiradeira, mas é ele quem mata Golias. Pense ainda na vida de Jesus de Nazaré: nasce numa vila altamente desprezível, para ser criado numa outra mais desprezível ainda. Trabalha a história pelas bordas da história. Não usa e não manipula os instrumentos de poder que qualquer um acharia que precisariam ser manipulados a fim de que a história fosse mudada. Ele muda a história de fora daquela que era até então a história oficial.

Pense por último na Igreja como ironia divina. Isso porque a intenção de Deus é que a Igreja seja uma ironia dele no mundo. Paulo diz em I Coríntios que não foram chamados muitos de nobre nascimento, nem muitos ricos, nem muitos sábios, nem muitos cultos, nem muitos superdotados. No entanto, Deus está agindo a partir dessa gente simples, a fim de envergonhar os sábios; a partir dos que não são para envergonhar os que são; a partir desses que são o lixo do mundo, a fim de enriquecer e adubar a própria história da civilização. Ora, saber que Deus às vezes usa de ironias deveria nos levar a olhar à volta com olhar nu de certezas, na intenção de tentar achar quais são as grandes lições que Deus está querendo nos dar nestes dias.

Apenas como exercício, pergunte por que será que as igrejas pentecostais – que não dizem “eu sei” – é que tantas vezes falam e os pobres entendem, enquanto nós, reformados, especialistas e cheios de teologia, dizemos: “eu sei”, e os pobres não ficam sabendo. Por que será que democratas, capitalistas e socialistas alemães estão se reconciliando,

enquanto cristãos reformados e pentecostais, de direita e de esquerda, conservadores e progressistas ainda continuam separados? Por que será que os grandes acontecimentos deste século, como os do resto da história, apanharam mesmo os especialistas mais especializados totalmente de surpresa? Quem poderia prever a queda do comunismo na Europa? Quem poderia antever que isso aconteceria em um mês? Quem poderia prever que a União Soviética e os Estados Unidos estariam no mesmo lado numa guerra (a guerra no Golfo Pérsico), no fim desta década? Quem poderia prever que o grande conflito desta última década seria religioso-ideológico, envolvendo os muçulmanos e o Islã, e não político-ideológico, como qualquer um de nós seria capaz de garantir e jurar que o fosse no ano de 1989?

Ora, todas essas coisas nos mostram que Deus está freqüentemente mexendo nas nossas convicções e nossas coisas totalmente “certas”. Por isso, todas as vezes que acho que as coisas nas quais creio são absolutamente intocáveis, estou correndo o risco de ser atropelado pela passagem de Deus na história.

Tenho mais o que fazer

Por último, eu diria que temos que ter percepção da sabedoria de Deus na história, a fim de percebermos a total liberdade que Deus tem de dizer ao seu povo: “Eu tenho mais o que fazer”. Eu acho que precisamos abrir a cabeça para entender este aspecto da soberania de Deus. Deus tem total liberdade para dizer a mim, a você, à igreja: “Minha gente, eu tenho mais o que fazer”. Essa última expressão da soberania de Deus também aparece no Livro de Jonas. Isso porque Jonas traz a Deus suas queixas, suas razões, seus complexos, sua amargura, seus direitos, suas reivindicações, e no fim ouve Deus dizer: Alto lá! Tu te preocupas com sombra para a tua cabeça enquanto queres que o meu fogo caia na cabeça de uma cidade? Tu te preocupas com a vida de uma planta, e não dás a mínima para a existência de toda uma civilização? Tu sofres a perda do que não te custou nada e queres que eu despreze o que criei? Então Deus como que diz: “Alto lá, Jonas, eu tenho mais o que fazer!” Numa linguagem mais popular ainda Deus estava dizendo: “Jonas, já que tu gostas tanto de planta, vai plantar batatas!”

Não me leve a mal quanto à expressão que usei acima. Minha intenção é mostrar de fato, em termos humanos, o que Deus estava dizendo de maneira bem crua. Digo isso porque Deus tem mais o que fazer do que se ocupar com aquilo que a Igreja julga importante. Talvez seja essa uma das mais fortes expressões da soberania de Deus que precisamos ouvir

hoje. É fácil saber por quê. Primeiro é só pensar no tempo que a Igreja investe em nada. Segundo, no tempo em que a sua denominação investe em nada. Terceiro, no dinheiro que o povo de Deus investe em nada. Quarto, na quantidade de lutas internas na Igreja, lutadas por nada. Quinto, nos nossos importantes temas e aflições teológicas “importantíssimos” e que redundam em nada. E mais: se você quiser saber porque Deus tem o direito de dizer “Eu tenho mais o que fazer”, pense na nossa meticulosidade teológica, que às vezes não ajuda nada; nos nossos concílios sacrossantos que não conciliam nada; nas nossas diretorias intocáveis que não dirigem nada, e nos nossos edifícios de educação religiosa usados para educar quase nada. Ora, a lista dos “nada”, que para nós são “importantíssimos” é simplesmente enorme.

Essa expressão da soberania de Deus que diz “Eu tenho mais o que fazer” deveria nos levar a pensar toda a nossa agenda de pré-ocupações outra vez. Isso porque, enquanto brigamos entre nós, o Espírito está promovendo reconciliação entre aqueles que não buscavam por Deus. Enquanto refletimos longa e acomodadamente sobre nossa teologia, Deus está alcançando e usando aqueles que, como os ninivitas, não sabem distinguir “entre a mão direita e a mão esquerda” (4:11).

Agora, o que fazer para re-agendar nossa vida de acordo com a agenda da soberania de Deus? Para re-agendar as coisas, basta ver onde Deus está trabalhando fora da igreja ou fora da oficialidade religiosa. Esse é um bom princípio para saber onde as maiores intenções de Deus estão concentradas. Geralmente é onde a igreja não está. Geralmente Deus está agindo onde a Igreja como instituição não está agindo, ou onde mesmo o pensar sofisticado da Igreja não está discernindo sua ação. Frequentemente, olhando para a história, vemos que Deus está onde os que “sabem” não estão; onde os que podem não estão; onde os que deveriam estar não estão; onde os que têm condição de estar não vão. Aí, e normalmente, é onde se podem encontrar as grandes causas a serem lutadas. Este é de maneira prática e particular um critério que uso a fim de discernir onde e o que devo fazer. Obviamente não se trata de um critério absoluto. Todavia, se a denominação considera importante demais, então é porque não é tão importante assim. Se a oficialidade opina que se deva morrer por certa coisa, então por essa coisa já não morro eu.

Concluindo, digo que andar atento à soberania de Deus implica ser liderado pela Palavra e pelo vento do Espírito. Minha oração é no sentido de que nos abramos para a Palavra, o Espírito, o sopro de Deus na história. Pois se não o fizermos, ele seguirá seu caminho e acabaremos ficando em

baixo da “planta”, chorando porque o “sol da história” bateu na nossa cabeça.

IV

Liderança e Crise Humana

É minha intenção neste capítulo mostrar que as crises de Jonas não têm nada de especial: elas não são muito diferentes das minhas e das suas. Ao fazer tal afirmação, espero que você não fique pensando que este livro tem como objetivo incentivá-lo a viver sua humanidade caída com santa tranqüilidade. Ou seja, com aquela atitude tipo Gabriela, Cravo e Canela, que diz: “eu nasci assim, vou viver assim, vou morrer assim”. Meu propósito – muito pelo contrário! – é mostrar-lhe que podemos ser líderes diferentes na obra de Deus, não como até aqui temos sido. Podemos libertar-nos dos condicionamentos que a mentalidade de liderança cristã tantas vezes nos inflige. Não que possa haver qualquer tipo de fatalismo existencial e psicológico no exercício do ministério. Eu diria que há nele possíveis tendências, mas nada que deva ser chamado de fatalismo. Ou seja: estar no ministério não é estar num beco sem saída; não é estar em alguma coisa que irá forjar um tipo de personalidade, de conduta, ou de expressão humana. Não há por que sermos escravos do padrão adoecido que muitas vezes caracteriza a vivência de certos projetos de liderança cristã. Não temos que viver uma vida enfeada, encaramujada, absolutamente “séria”, ausente de si mesma, numa espiritualidade quebrada, com distanciamento das pessoas, sem sorriso, sem expressão - escondendo a humanidade e tapeando as fraquezas. Podemos ser humanos, revelar-nos como em espelho, pedindo perdão, confessando que erramos, admitindo falhas. Na verdade, quanto mais humano você for, mais generosamente aceito há de ser, bem como seu ministério.

Em meio às suas crises, Jonas foi um homem de virtudes. Isso porque viveu suas crises ministeriais, teológicas e ideológicas com profunda transparência e verdade. É justamente em razão dessa transparência que podemos hoje analisá-lo com tanta objetividade. Jonas não escondeu o que pensou, nem tergiversou sobre o que disse; tampouco tapeou as convulsões profundas que lhe acometiam, ou as revoluções travadas na alma. Ele se mostrou em total profundidade, verbalizando, aliás, as suas crises.

Vejamos então quais foram essas crises – crises essas que certamente são nossas ou, se não o são, poderão vir a sê-lo. Este é um ponto muito

importante, para o qual chamo a sua atenção: as crises de Jonas são, ou poderão vir a ser suas próprias crises! Então, se porventura você presentemente não está em crise, não se exclua da problemática. Leria este capítulo na perspectiva da medicina preventiva. Quem sabe algo nele venha a ajudá-lo a não ter de enfrentar um caminho demasiado amargo no futuro.

Crise de Confiança na Missão

O que primeiro aconteceu à vida de Jonas foi que ele experimentou uma crise de confiança na sua missão. Em outras palavras: ele perdeu a certeza de que o projeto da sua vida era de fato aquele. Perdeu a certeza de ser aquilo mesmo o que deveria fazer. Perdeu a certeza de que a razão para viver ou para morrer deveria ser a mesma. Perdeu a certeza de ser seu ministério a coisa mais importante na qual investir o projeto da sua existência. E isso pode sobrevir a qualquer pessoa! Sei que muitos dos que lerão este livro estarão vivendo essa crise. Boa parte estará enfrentando o que eu chamaria de *crise positiva*. Já fui acometido por algumas delas. Talvez a primeira tenha acontecido quando tive a sensação de que poderia estar investindo minha existência num projeto errado. Depois de dedicar alguns anos ao ministério - viajando como um alucinado para cima e para baixo, pregando mais de 550 vezes por ano, saindo de casa para o aeroporto 84 vezes por ano, viajando duas vezes por semana -, olhando à volta, de repente fui invadido pela sensação de que talvez não tivesse valido a pena. São daqueles momentos nos quais você descobre que algumas pessoas nas quais você investiu tanto sua vida não compreenderam muito bem o que você disse; algumas das multidões para as quais ministrou continuam vivendo exatamente da mesma forma mesquinha; centenas de comunidades que você visitou prosseguem vivendo e vegetando nas próprias enfermidades. Ora, quando isso acontece, seu coração sofre um grande cansaço. Então você se pergunta se é por aí mesmo que você deve passar, se o sacrifício está valendo a pena. A alma se questiona com tal veemência que você é dominado por uma grande confusão de sentimentos. Bem, pelo menos eu fiquei. E não esqueça: estou falando de mim!

Outra dessas crises aconteceu na época das eleições para a Constituinte. Pessoas de relevância me disseram que eu deveria ser um dos representantes dos evangélicos na Constituinte. Minha reação foi a de responder: “Não quero nada com isso”. Mas durante algum tempo aquilo me ficou perturbando no íntimo. Fiz perguntas seríssimas a mim mesmo, questionando-me sobre a possibilidade de estar fugindo a alguma coisa que Deus poderia estar colocando no meu caminho. Até que cheguei à conclusão de que Deus me fizera par que eu fosse aquilo que eu era; e eu

tinha e continuo a ter a convicção de que até o final da vida quero ser exatamente aquilo que tenho sido até aqui.

É normal vivermos crises de perguntas em torno de nosso próprio ministério, a relevância da nossa vida, ou a missão a que nos entregamos. O problema de Jonas foi que sua crise em relação à confiança na importância da missão era uma crise negativa. Não era resultado de perturbação natural, mas consequência de compromissos e percepções equivocadas, pelos quais ele se deixara enlaçar. Algo lhe acontecera no curso dos anos, ao ponto de desviar-lhe as esperanças para os instrumentos humanos que mudam a história, em lugar de concentrá-las no Deus que nela intervém através de instrumentos humanos e, às vezes, inclusive sem eles. É por essa razão que, quando o Senhor o envia a Nínive, ele simplesmente foge.

A questão básica é: o que pode ter operado tal mudança de atitude na visão, na percepção e na vida de Jonas? Ouso sugerir duas coisas. A primeira delas é que **seu ilhamento ministerial o levou a viver sem a referência do pensamento de terceiros**. Ninguém é uma ilha. Mas Jonas parece que tentou viver como se fosse uma ilha profética. Digo isso como mera especulação. Todavia me parece que essa especulação pode ter uma tremenda possibilidade de ser a verdade do que aconteceu. Isso porque – todos sabemos – Jonas viveu no tempo de Jeroboão II, conforme II Reis, 14:25. Também é do conhecimento comum que Oséias e Amós viveram e ministraram na mesma época, segundo informam Oséias, 1:1-3 e Amós, 1:13. Por isso é possível perceber uma profunda consonância profética entre Oséias e Amós. Ambos afirmam a perversão dos valores da nação de Israel. Ambos mostram que a liderança espiritual da nação estava cega. Ambos anunciam que a menos que haja arrependimento o juízo de Deus viria sobre o país. E mais: a atitude de Amós é tão pouco nacionalista do ponto de vista profético que ele chega a ser acusado de conspiração contra o país, pelo fato de profetizar a destruição de Israel (Amós, 7:7-10).

Tudo isso nos permite ver que Jonas estava totalmente dessintonizado em relação a seus colegas profetas. Ele via nos assírios os inimigos do povo. Oséias e Amós viam neles os instrumentos do juízo de Deus. Jonas não sonhava com a salvação do mundo. Já Amós sonhava com o dia em que o mundo estaria não com sede de água, ou fome de pão, mas com fome e sede de ouvir a Palavra do Senhor. Jonas ficava chocado com a iniquidade das sociedades pagãs, sem conseguir enxergar o que Oséias e Amós viam acontecer dentro de Israel, em termos de opressão.

O isolamento ministerial sempre nos tira a possibilidade de ver a vida com equilíbrio e bom senso. Quando falo de isolamento ministerial

não estou me referindo à solidão humana. Você pode estar vivendo um isolamento ministerial profundo, ainda que cercado de amigos. Se seus amigos são amigos samba-de-uma-nota-só – daqueles que dizem todos a mesma coisa -, você está totalmente só. E eles também estão “sós”. Para que eu e você não vivamos nossa própria ilha ministerial não é apenas necessário que não estejamos sós, mas que admitamos a diversidade de reflexão, de pensar e de percepção da vida ao redor de nós. Caso contrário, o que vivemos é uma espécie de solidão extremamente bem acompanhada, na medida em que só nos permitimos acompanhar por aqueles que dizem exatamente as mesmas coisas que dizemos. Ora, isso também implica solidão intelectual e mental.

Em segundo lugar, ousou dizer que o que aconteceu a Jonas em termos de ver abalada a confiança que devia depositar na própria missão pode ter muito a ver com seu excesso de algo que passou da medida. Ele foi exagerado, extremado; passou dos limites. Seu excesso de homocentrismo histórico lhe roubou a visão da ação trans-histórica de Deus. Isso porque há uma tremenda diferença entre suas atitudes para com os seres humanos, se comparadas às atitudes de Oséias e Amós. Jonas tem na luta do seu povo oprimido, e no seu destino histórico, o princípio, o meio e o fim dos sonhos do seu ministério. Já Amós e Oséias concentram toda essa expectativa ministerial na glória de Deus. Por isso eles estão livres para ver inclusive nos assírios não apenas os inimigos do povo, mas possíveis instrumentos do juízo de Deus. Por isso também estão dispostos a viver com esperança, ainda que seus sonhos em relação a Israel não estivessem se concretizando diante dos seus olhos. Ora, é também por terem visão da soberania de Deus que eles têm possibilidade de sonhar com a conversão do mundo, visto não estarem condicionados a associar sua bênção exclusivamente a Israel.

Alguém me deu uma revista católica chamada “Trinta Dias”, pedindo-me que lesse alguns artigos. Ao ler, vi que alguns eram muito interessantes. Num deles havia uma avaliação da Teologia da Libertação em razão da revisão pela qual o mundo socialista tem passado. Entre outras coisas encontrei uma entrevista com Leonardo Boff, na qual ele dizia algumas coisas extremamente interessantes e sensatas sobre sua própria teologia. Disse, por exemplo, que entendia que a teologia que ele próprio pregava só não iria desmoronar pelo fato de ele nunca haver sido teólogo da libertação concentrando no homem e nos sistemas de mediação política todas as esperanças da sua teologia. “Nunca absolutizei isto – afirmou. Sempre tentei deixar claro que a primeira e a última razão do meu sonhar teológico não é o homem, mas o Deus do homem; não é o oprimido, mas o Deus do oprimido.”

Para mim, Boff tocou na questão mais nevrálgica. Isso porque, se você concentrar todas as suas esperanças humanas numa perspectiva teológica exclusivamente homocêntrica, deixando que se perca a visão da transcendente ação de Deus na história, esteja certo de que você é um candidato a morrer com o coração empanturrado de uma amargura incurável. O potencial e a energia inteira das suas esperanças hoje poderão vir a ser o potencial total e mortífero das suas depressões incuráveis de amanhã. Quando nossa visão da vida se torna excessivamente homocêntrica, nossas esperanças históricas, com o passar do tempo, também se tornam extremamente reduzidas. Como consequência, esvai-se nossa visão do significado do nosso ministério. Daí em diante, tudo que nos interessa é aquilo que promove esses objetivos totalmente horizontais dos nossos sonhos históricos. Todavia, alguns dos elementos caracterizadores da missão de Deus no mundo transcendem a própria história. Neste caso, são ações feitas na história, visando também à trans-história.

Minha pergunta é se você tem certeza com respeito a seu ministério, sua vocação, sua missão. Você tem pensado ultimamente em fazer uma outra coisa, numa tentativa de arranjar um outro modo de viver. Não há nada de errado com o passar por uma crise dessa natureza. Minha pergunta é no sentido de que possivelmente você esteja vivendo isso por algumas razões negativas. Se é assim, é de sua inteira responsabilidade mudar o coração. Nossa crise contemporânea tem muito a ver com o fato de que perdemos aquele sentimento de engajamento radical que atribui à vida uma importância essencial, e que faz do nosso ministério uma questão de vida ou morte.

A Segunda crise de Jonas foi a crise de oração. Isso porque, quando se perde a centralidade de Deus na vida, perde-se também a vontade de orar. Se tudo que interessa no horizonte dos nossos sonhos é aquilo que possa acontecer em termos de mudanças históricas palpáveis e rápidas, então, na maioria das vezes, orar parece ingênuo e dispensável. A crise de confiança na missão sempre nos afasta da oração. Também o excesso de horizontalismo; e o excesso de homocentrismo. Ora, foi justamente isso que aconteceu com Jonas.

Como já vimos, o Jonas apresentado no relato bíblico é um ser que não ora; ou ora tão-somente para entregar sua alma à morte. Ele é um ser quase mudo em relação a Deus. Nas duas vezes em que ora, as situações são extremas. Numa ele está no ventre do peixe; na outra pede para si a morte. Ele é o mais autêntico representante de um tipo de líder que não ora – talvez um tipo de líder que esteja agora mesmo lendo este livro. Inclusive

alguns líderes pentecostais que conheço oram pouco. Tenho certeza disso. A igreja pentecostal no Brasil é em geral uma igreja que grita muito e não chora nada. É uma igreja que fala muito em oração e não ora quase nada. Salvo aquelas velhinhas de cocó na cabeça, que continuam segurando as pontas da oração na comunidade. A maioria dos pastores pentecostais hoje em dia oram tão pouco quanto os pastores reformados. Vivemos todos uma crise terrível de oração. Oração passou a ser algo freqüentemente ridicularizado, algo que às vezes não nos é permitido, por nosso ativismo, relegado ao segundo plano em função do nosso pragmatismo, algo que deixamos para depois – quando surgir um tempo absolutamente vazio, sem nada a fazer. Ou ela é ironizada em função das nossas ideologias, extremamente horizontalizadas. Aqui, na história de Jonas, só há um grupo que ora com coerência: os marinheiros pagãos que, enquanto oram, jogam também as cargas do navio ao mar e tentam fazer alguma coisa. Eles são para nós a lição do que seja teologia integral da oração. Neles vemos ação e oração andando juntas.

A leitura dos evangelhos nos apresenta a oração como possivelmente um dos temas mais essenciais para a sobrevivência humana, a sobrevivência da mente, do espírito, da paixão, da esperança, do ser.

Nossa crise de oração tem feito com que a igreja protestante reformada, especialmente, seja a única representante do secularismo europeu e norte-americano no Brasil. Se você procurar secularismo clássico entre nós, a moda européia ou norte-americana, sua procura será inútil. Os ateus do país são do tipo “ateus graças a Deus”. Seus psicólogos mais céticos acreditam em regressão hipnótica, chegando até uma vida pré-uterina, o que implica a crença em reencarnação, em muitos deles. Não existe neste país um único segmento da sociedade que seja absolutamente cético. Todos crêem em milagre, exceto algumas expressões da igreja protestante reformada, que continuam a perseguir pessoas que crêem no sobrenatural. Nesses grupos continua-se a achar que se você fala em oração você é um místico arrebatado. Quanto mais reformada tem sido a igreja protestante do Brasil, mais representante dessa mentalidade secular americana e européia ela se torna.

Você pode ter certeza de que para mim é extremamente mais fácil pregar em qualquer universidade do país, falar sobre qualquer tema da Bíblia em qualquer lugar, do que no meio de algumas mentalidades da igreja protestante reformada, onde você às vezes tem que pedir licença para crer em algumas coisas. Não é à toa que a oração tenha sido banalizada e rarificada em nosso meio.

De outro lado existe aquele grupo que levanta as mãos, dança, pula, mas não ora. Fazer tudo isso pode nada significar em relação a demonstrarmos se oramos ou não. Somos talvez uma comunidade que dança, pula, levanta as mãos, enfim, não tem problemas com o gestual carismático, mas por outro lado não ora.

A terceira crise de Jonas foi a crise da apatia suicida. Ele perdera a visão da soberania de Deus como sendo a mais importante de todas as realidades. Isso porque deixou de orar e, no seu silêncio em relação a Deus, foi morrendo. Ele afirma, literalmente, que sua alma estava desfalecendo (2:7). Quando a alma deixa de orar, ela começa a morrer. A primeira pergunta a ser-lhe feita agora é se você ora regularmente. A resposta poderá casualmente ser sim. Mas este “sim” possivelmente seja um “sim” de alguém que só ora no auge da angústia. Uma outra pergunta é se você está vivendo algum tipo de projeto de vida onde haja uma busca sadia de Deus e do próximo. Ou se você já está vivendo, hoje, algum tipo de apatia espiritual.

A crise de apatia que dominou Jonas foi seríssima. Ela começou com seu sono mórbido (1:5). Passou depois à capacidade de fazer confissão de pecados sem oração. Depois ele manifesta o desejo do suicídio indireto, quando diz aos marinheiros: “Tomai-me, jogai-me na água!” (1:12) até imaginando se não havia ali uma estratégia de morrer e tornar os gentios mais culpados, como que dizendo: “Matem-me, e então virem-se com Deus!” Parece que os gentios entenderam isso e disseram: “Senhor, estamos fazendo isso só porque ele mandou. Mas não deixes o sangue dele ficar nas nossas mãos!”

Os três dias no ventre do peixe mostram relutância quanto a ter buscado o salvamento de Deus. Primeiro ele vai às regiões mais profundas, antes de orar. Ele diz: “Fui aos terrores da terra. As algas ficaram na minha cabeça”. Jonas sofreu problemas de pressão; a cabina não era pressurizada. Ele diz que já ia desmaiando (2:7). Agarrando-se aos fiapos da alma, suspira: “Deus!” (2:6b). Depois disso tudo há ainda um segundo pedido suicida (4:3). Ele só ora para pedir a morte. Em seguida vem seu último apelo suicida (4:8,9). Jonas era um indivíduo amargurado, que perdera o pique pela vida. Esta é sempre a conseqüência de se viver a história sem esperança também na trans-história. Pois se a nossa esperança em Cristo se limita a esta vida, diz Paulo que “*nós somos os mais infelizes de todos os homens*”.

É animador ver Jonas angustiando-se (2:2). A angústia é possibilidade de esperança. Este é um sentimento que pode ser muito sadio.

Pessoas que dizem que estão tranqüilas, muitas vezes estão é apáticas. Há uma distância abismal entre tranqüilidade e apatia. Alguns estão de fato extremamente serenos – quase mortos de tanta serenidade. Estão imersos numa profunda apatia: sem sonho, sem visão, sem chama, sem paixão, sem desejo, sem esperança e sem projeto. “Tranqüilíssimos!” Por isso é que ousou dizer: Bem-aventurados os angustiados; deles é a esperança! Bem-aventurados os que estão gemendo de inconformidade com a própria vida, e a possibilidade de haver algo novo!

A primeira realidade positiva que traz melhora à alma de Jonas é a possibilidade da angústia. A segunda melhora foi quando ele viu a vida com os olhos de Deus (4:11). O texto não diz isso explicitamente. Aliás, o texto não diz nada. Contudo, sugere que a questão levantada por Deus nos versículos 10 e 11 pode ter surtido efeito. E se não teve nenhum efeito momentâneo, Deus parece ter indicado o caminho da cura para Jonas. O que ele lhe estava tentando dizer era: “Jonas, olhe novamente a vida com meus olhos! Tente enxergar esta cidade com meus olhos! Tente enxergar os bois da cidade, os homens da cidade, as mulheres da cidade, a cultura da cidade, a civilização da cidade, as almas humanas da cidade, a alienação da cidade - que não sabe discernir entre a mão direita e a esquerda; o potencial de arrependimento da cidade; a possibilidade de vida da cidade. Tente ver isso com meus olhos! Deixe seu olhar totalmente condicionado pelas pré-compreensões em outro lugar. Veja a vida de novo com meus olhos, e você vai vê-la com a possibilidade da esperança”. É bastante possível que a atual crise de inúmeros líderes cristãos tenha muito a ver com a síndrome de Jonas. São líderes incapazes de viver e morrer por aquilo em que crêem. Líderes que perderam a referência primeira e última de sua vida como sendo Deus. Líderes que perderam o sonho e podem cair na atitude negativa de que a vida não vai mais mudar, mergulhando num profundo desânimo. Não acredito que as coisas à nossa volta mudem facilmente. Eu creio é que podem mudar. Mas não acredito que será fácil. Não acredito que essa desgraça brasileira construída em quinhentos anos mude com extrema facilidade. Ela se embrenhou inclusive nas células da nação; entrou na subconsciência da cultura do povo; pervadiu todas as dimensões da nossa cosmovisão nacional; tem a ver com o todo que somos. Por isso não é fácil mudar as coisas no Brasil. No entanto, há um trabalho seríssimo a ser nele feito. Tem a ver com mudanças estruturais – um recondicionamento novo de percepção da vida, valores novos – enfim, com todas as áreas da vida do país.

Eu, pessoalmente, acho que pode mudar. Mas não creio que será fácil; tampouco acredito que vou ver as coisas mudarem. Tenho no entanto duas realidades dentro de mim. Uma é que tenho filhos que terão netos, os

quais terão seus próprios filhos. Se não acreditasse em vida eterna, trabalharia ao menos por esses que vão sair de mim e de você. Mas eu tenho uma razão a mais para investir no que não vejo e no que não verei. Eu creio que mesmo que nada mudasse na história, ainda assim teria a afirmação de Jesus de que as coisas que faço na história nunca são em vão (I Co, 15:58). Isso vale para a história e a trans-história. Pois tenho que ser um ser do horizonte da história, mas que não perde a visão de sua transcendência. Trabalho na história querendo mudá-la. E também sei que enquanto nela trabalho, mesmo que não a mude, estou mudando alguma coisa para a trans-história. O fato de saber que estou mudando para a trans-história não deve me alienar; pelo contrário, deve me fazer ser um ser profundamente imerso na história.

Agora, saiba o seguinte: eu e você não somos os primeiros numa situação como essa. O maior homem de fé na Bíblia, Abraão, não viu as coisas acontecerem. Hebreus diz: “Viu de longe”, dando adeus às promessas (Hb, 11:13). Ele como que dizia: “Estou aqui, segurei as pontas até aqui, mas alguém vai levar isso adiante. Vejo apenas uma luz no horizonte. É possível que nunca venha a ver o sol sobre a minha geração. Mas dou adeus a essa luz, a essa esperança; isso vai nascer para alguém!” Um dia o sol nascente das alturas visitará o nosso coração, e aqueles que andam na região da sobre e da morte, no nosso meio, verão a resplandecência da grande salvação de Deus.

Quero lhe apresentar seis bons critérios para você lembrar em tempo de crise.

1. Mantenha a vocação celestial bem firme em sua mente. Esta parecia ser a obsessão de Paulo. Ele disse: “Fui fiel à vocação celestial”. Pense naquilo para que você foi chamado. Pense na primeira voz que você ouviu. É possível que hoje você esteja perdido em meio a muitas vozes. Tente ouvir a primeira voz, aquela mesma que o colocou no ministério que hoje o deixa tão perturbado.

2. Pense na simplicidade do primeiro amor. Depois que se vai ficando “maduro”, isso parece bastante difícil. Não há nada mais trágico na vida cristã do que o que chamamos de “maturidade” – quando o indivíduo já não chora, não se emociona, não se aquece mais. Ele já “sabe de tudo”, razão por que não aprende mais. Tudo se torna “simples” para ele. Paulo diz que isso acontece quando se está endurecido. Tente pensar na simplicidade do seu primeiro amor. Peça a Deus que descomplique sua mente e seu coração.

3. Abra o coração para receber ministração daqueles que são bem diferentes de você. Isso porque essas pessoas têm justamente o que lhe falta. Este foi o princípio de Jesus na formação dos seus doze apóstolos. Ele colocou Simão no mesmo grupo que Tomé: um que não refletia muito, e um que refletia até a última hora. Colocou Mateus e Simão Zelote no mesmo grupo: um com uma tendência para um lado, outro com uma tendência para o outro, politicamente falando. Colocou os filhos do trovão (Tiago e João) com aqueles outros apóstolos que só aparecem na Bíblia porque Jesus os chamou. É nesse tremenda diversidade que Jesus resolve forjar caráter, mente, ministério e futuro na vida desses homens.

4. Pense naquilo que você gostaria que fosse escrito para a glória de Deus no seu epitáfio, e viva por isso. O que você gostaria que fosse escrito na pedra da sua sepultura. Faça de conta que você só pode escrever nela uma coisa. Qual é essa paixão, esse calor mais profundo da glória de Deus que você apreciaria que marcasse a sua vida como santo estigma, como santo sinal na história de Deus na história? É o que diz João, 1:6: “Houve um homem enviado por Deus, cujo nome era João. Ele não era a Luz, mas veio para que testificasse a respeito da Luz”. Este é um epitáfio fantástico para ser posto numa sepultura. Ou João 10:41: “Ora, João na verdade não fez nenhum sinal, mas tudo que ele disse sobre Jesus era verdade”. Que coisa tremenda!

5. Tome a decisão de tentar outra vez, e não assuma o compromisso de que dessa vez você vai acertar. Diga simplesmente: “Eu vou tentar de novo”. Não diga nem a Deus, nem à sua mulher, nem a seus filhos, nem a seus colegas, nem a ninguém que você vai acertar. Diga que vai apenas tentar: “Eu não tenho nenhum compromisso para acertar”. O Livro de Provérbios diz que quem quer ter um celeiro limpo não põe bois dentro. No entanto, ter um celeiro limpo é improdutivo. Eu prefiro ter um celeiro todo lambuzado, com vacas que estão fazendo alguma coisa, a ter aquela limpeza improdutivo de quem não faz nada na história.

6. Disponha-se a viver os riscos do ministério. Isso foi o que Paulo chamou de combater o bom combate. Note: é o bom combate, não o mau combate. Muitos dos combates em razão dos quais você está amargurado são combates pelos quais você não deveria combater. Não são combates. São com-bates. Pelo contrário, disponha-se a viver a extensão máxima de sua missão na terra. É o que Paulo diz: “Completei a carreira”. E mais: disponha-se a viver a vida inteira com a fé com a qual você começou. Paulo diz: “Guardei a fé”. É isso que nos ajuda a viver, quando a vida está despencando diante de nós. Paulo afirmou isso num contexto terrivelmente difícil, quando na prisão romana, num calabouço, numa cadeia,

abandonado, pois Demas o deixara solitário. Ele diz: “Todos se foram, só Lucas está comigo”. Ele estava passando por necessidades físicas e emocionais. Era inverno, fazia frio. Pede a capa, está entediado, não tem sequer livros para ler (II Tm, 4: 13-16). Mas esse homem resiste a tudo isso sem amargura no peito, e por razões simples, e que hoje nos faltam: a obstinação de que o combate tem que ser combatido, de que a carreira tem que ser corrida até o fim, e de que a fé tem que ser guardada no depósito da alma.

Se você deixar o Espírito tocá-lo, tenho certeza de que terá convicção outra vez, e descobrirá que irá enfrentar mais uma tempestade, mais uma crise, com possibilidade de sair do outro lado respirando o ar fresco da graça e da vida de Deus para a sua vida e para o seu ministério.

Liderança movida pelo Amor

Conforme temos visto, Jonas foi um dos seres humanos que mais chances teve de provar e discernir o amor de Deus. Sua experiência ministerial está cheia das expressões mais veementes desse amor, raramente manifestadas a um ser humano de maneira tão drástica e intensa.

Para mim é sempre extremamente importante refletir sobre o amor de Deus, mesmo tratando-se de pastores e líderes da igreja. Isso porque muitos de nós (refiro-me a pastores e líderes) somos pessoas – no meio do povo de Deus – possivelmente das mais vazias e secas desse amor divino. Geralmente o amor de Deus é vivido pelos cristãos. No entanto, nós, pastores e líderes, muitas vezes o temos apenas pregado.

A Experiência do Amor de Deus em Jonas

Vejamos como Jonas foi objeto do amor de Deus, e como tal reflexão nos pode ser útil hoje, na prática da vida e do ministério cristão. Deus continua a amar os líderes do seu povo.

Eleição

O amor de Deus se manifestou a Jonas nas mais diferentes formas. Inicialmente eu diria que **foi através da eleição**. Isso porque Deus o elege para uma missão à qual ele não se candidatara. No entender de Jonas aquela não era uma questão de opção. De fato, o assunto do seu envio a Nínive nunca esteve aberto a discussão. Deus simplesmente o enviou ali com instruções claras a respeito do que deveria fazer.

Aliás, para ser mais amplo, eu diria que o pequeno Livro de Jonas está mais impregnado da perturbadora doutrina da eleição que qualquer outro da sua categoria na Bíblia. Se não, vejamos: Deus elege marinheiros que não o buscavam a fim de que o busquem. Deus insiste na eleição de Jonas, mesmo quando Jonas já desistira de si mesmo. E, neste sentido, o ato de ele ser “devorado” e depois “vomitado” pelo grande peixe aparece como um inequívoco ato do amor eletivo de Deus. Deus é obstinado na intenção de fazer sua vontade cumprir-se na vida de Jonas, por amor a Nínive.

Assim é que se diz que ordenou ao peixe que o vomitasse na praia. Na linguagem de Isaías, o Senhor é o que “fere e cura a ferida”. Na linguagem de Jonas, o Senhor é aquele que devora seu eleito rebelde e depois o vomita na geografia da eleição. No entanto, a idéia da eleição em Jonas não pára aí: Deus elege também uma cidade (Nínive) que não o buscava, a fim de que o busque.

Eu sei que este assunto relacionado à doutrina da eleição tem sido objeto das mais variadas e veementes discussões durante a história da Igreja. Obviamente não sou eu quem pensa que vai resolver a questão. Se mentes extremamente melhor dotadas que a minha jamais puderam explicar a contento tal doutrina, não sou eu quem se arrogará o direito de fazê-lo. No entanto, justamente porque não tenho uma explicação para a doutrina é que tenho uma explicação para sua inexplicabilidade.

Na minha opinião, esse assunto de eleição não foi nem pode ser logicamente compreendido. Para nossa mente tal idéia implica uma série infundável de contradições. Se não, observe apenas um exemplo do problema, que é aquele relacionado ao fato contraditório entre a soberania absoluta de Deus e a liberdade humana. Isso porque quando se tem a “visão-revelação” da graça de Deus perde-se a liberdade de viver fora dele. Essa nossa liberdade é perdida porque a revelação de Deus implica fascinação cativante. Implica dizer: “Afasta-te de mim porque sou um pecador”, para daí em diante não se saber mais viver longe desse cuja presença santa nos *repele* para junto da sua graça: “Para quem iremos nós? Só tu tens palavras de vida eterna”. É assim, portanto, que se vive no lugar espaçoso do *cativeiro da liberdade*.

Sei que muitos acham que os termos que usei para descrever a soberania de Deus e a liberdade humana são auto-excludentes. No entanto não conheço nenhuma outra maneira de falar de Deus, a não ser através da linguagem do “paradoxo”. Muitas coisas (para evitar dizer “todas as coisas”) na revelação de Deus são expressas em forma dialética. Só isso nos capacita a unir dois valores verdadeiros, porém contraditórios dentro do limitado espaço da lógica humana. Somente dessa forma se entende que Deus é Todo-Poderoso e ao mesmo tempo somos livres. Mas quem não pensa com essa lógica-aberta-para-a-ilogicidade-da-lógica-superior, raciocina do seguinte modo: “Se Deus é Todo-Poderoso, então não sou livre. Assim sendo, ou sou livre e Deus não é NADA, ou não sou NADA e Deus é TUDO”. Em outras palavras: nossa lógica-lógica está sempre negando alguma coisa. Às vezes nega Deus, às vezes nega o homem. No entanto as coisas não são assim. Em Deus não há “lógica” conforme nossa herança grega a compreende. Em Deus há o que há, porque ele é o que é.

Assim, aqueles que *descobrem* Deus em Jesus o fazem pela via da sua *auto-revelação* a aqueles que sem o querer o procuravam. Ora, tudo isso é tão absurdo à lógica humana quanto o é tudo mais em relação a Deus, incluindo ele mesmo e suas ações salvadoras. Pense no absurdo de sua absolutamente humano-divina encarnação, sua soberana-fraqueza na história, sua morte-eternamente-viva na Cruz, sua concentração-física na história enquanto continuava em-Tudo, sua ausência do resto do Universo enquanto está totalmente-imanente em todas as coisas. E, por último, pense na própria natureza ridiculamente ilógica dos cosmos que ele criou. Isso porque o Universo, na sua finitude, existe sem paredes de tempo e espaço; e na sua concreta existência existe em algo que parece não ser concreto, ou seja, as fronteiras de Algo que não tem fronteiras e que ainda assim é finito porque só Deus é infinito, e só ele existe “fora” do que *existe*. Ora, isso também é absurdamente *inexplicável*. No entanto, é também absolutamente *inegável*, pois não posso *negar* que esteja escrevendo estas linhas no dia 20 de julho de 1991, em Hegina, uma das ilhas do mar Egeu, na Grécia, ao sul da Europa, no planeta Terra, no sistema solar, na Via Láctea, no cosmos, o qual existe *em alguma coisa* que é ainda *menor* que o Deus em quem todas as coisas existem e subsistem, o qual eu amo e que se revelou a mim em Jesus Cristo, o Emanuel: Deus conosco.

Criação

O amor de Deus se manifesta no livro de Jonas também **através da Criação. Isso porque as coisas criadas participam dos projetos do seu amor.** Assim é que se percebe o vento forte que sopra o navio direto para as mãos de Deus (1:4). É como na tragédia da Cruz: no fim da estrada de dor encontram-se as mãos do Pai: “Pai, nas tuas mãos entrego meu espírito”. A Criação continua a participar do projeto da revelação do amor de Deus na medida em que o grande peixe que obedece sem hesitação (no hebraico, nos textos 1:17; 2:10 aparece a palavra “indicou”, mostrando a soberania do ato divino) obedece à sua ordem. A criação faz parte da conspiração do amor divino, bem como da solidariedade divina para com a perdição humana. Se não, observe como os animais de Nínive gemem a penitência que o povo de Deus não sabe gemer (3:7,8). Também a criação se oferece como sinal do amor de Deus quando se torna símbolo da conformação radical da criatura para com o Criador, mesmo quando a existência parece não ter qualquer outro propósito se não o de satisfazer algum misterioso propósito divino. Digo isso porque a planta que cresceu sobre a cabeça de Jonas nasceu conforme a vontade de Deus – para ser *apenas* parábola da vida que ele quer preservar (4:6). O mesmo se pode dizer do verme que come a planta e se oferece a Deus como símbolo do juízo que ele quer enviar (4:7). Até o vento oriental ganha esse papel

sacramental na medida em que aparece como expressão da angústia que Deus quer poupar aos homens (4:8). Dessa forma, no Livro de Jonas a criação é parceira-mímica do amor de Deus que se esconde na criação, a fim de revelar seus atributos invisíveis através das coisas por ele criadas.

Providência

O amor de Deus se revela também através da *graça comum*, que é a expressão geral da sua providência para com toda a Criação, incluindo os seres humanos, quer estes o conheçam quer não. A graça comum de Deus manifesta na vida dos **marinheiros** revela seu amor pelo simples fato de que os marinheiros vêm a natureza com uma reverência que os leva a pensar naquele que possa estar *por trás dela* (1:5). Além disso, eles são *sábios* o suficiente para entender que oração e trabalho não são virtudes auto-excludentes: eles oraram e trabalharam (1:5b). Também são *suficientemente sensíveis* para não aceitarem a falta de solidariedade e amor à vida que percebem no viajante que roncava no porão do navio (1:6). Muitas vezes as mais fortes expressões de solidariedade humana vêm daqueles que não têm muitas razões conscientes para serem tão solidários quanto são (Gandhi não era cristão). Além do que os marinheiros que não lêem a Bíblia sabem *ler os sinais divinos* da tragédia na tempestade (1:7), coisa essa que Jonas, o teólogo de Samaria, não conseguia fazer. E ainda: os marinheiros estão *prontos* para concentrar sua fé no Senhor tão logo ficam sabendo quem é ele, enquanto censuram sua frieza e ímpia tranquilidade (1:10). Às vezes, os que sabem muito sobre Deus se tornam as criaturas mais secas e indiferentes para com a verdade divina de que se tem notícia. O pior incrédulo é sempre o apóstata, o seja, o ex-cristão. Ora, nessa seqüência de aprendizado com os marinheiros e a manifestação da graça de Deus em sua vida, devemos dizer que eles são *suficientemente* humanos para não aceitarem o fatalismo de Jonas como final, quando este lhes pede que o lancem ao mar (1:13). Gente com poucas explicações sobre a vida se agarra à vida com mais obstinação do que aqueles que pensam que têm um manual bem seguro sobre o tempo de viver e de morrer. Gente sem muita teologia sistemática vive com mais criatividade. E por último: os marinheiros *temem* a Deus com consciência e conseqüência, pois oram ao Senhor, oferecem-lhe sacrifício e assumem votos diante dele (1:14-16). Ou seja, na simplicidade de sua fé eles realizam o sonho dos profetas e dos salmistas, quando convocam o povo de Deus a fazer com que seus sacrifícios sejam acompanhados de obras de gratidão.

Julgamento

O amor de Deus se manifestou também através da **mensagem do julgamento**. É fácil observar tal fato. Se não, veja que é *a mímica do julgamento* manifesta na tempestade que leva os marinheiros à conversão; também é a *força do julgamento divino* através da ação soberana do grande peixe que salva Jonas, levando-o à oração e à confissão de pecados. Além disso, é também a *mensagem do julgamento* pregada em Nínive que conduz a cidade ao arrependimento. Como se não bastasse, é *o julgamento de Deus sobre Jonas*, no episódio da planta que seca, o que dá ao profeta a última chance de refletir sobre o amor de Deus.

Ora, por mais estranho que pareça, é no livro de Jonas que tenho encontrado as mais fortes e veementes afirmações do amor de Deus por mim. Isso porque não raramente eu me apanho vivendo no mesmo barco de Jonas. Sofrendo as mesmas síndromes. Confuso com as mesmas ideologias. Iludido pelas mesmas fascinações políticas. Claudicante diante do que realmente seja o foco da missão que Deus me deu. Enfim, Jonas vive em mim. Ora, quando Jonas se manifesta em mim, minha esperança é o amor de Deus. Neste caso, meu pensamento voa para a certeza de que o Deus que amou o ambíguo Jonas também me ama. O Deus de Jacó é o Deus de Jonas. E o Deus de Jonas é o meu Deus.

O que Deus quer nos falar com tudo isso?

Neste ponto chegamos a um outro momento no qual é absolutamente importante levantar uma outra questão. De fato, minha questão é: Quais são as expectativas de Deus quando nos revela seu amor, mesmo que tantas vezes este tenha a cara do juízo... Pessoalmente eu creio que quando isso acontece Deus está desejando conduzir-nos ao entendimento de quais são as **atuais expressões do seu amor eletivo por nós**. Valeria portanto perguntar: Diante da atual situação de escândalo e descrédito da Igreja, o que Deus está tentando nos dizer? Ora, um dos maiores movimentos de conversão massiva da história da fé aconteceu num tempo de profunda e aguda crise, a crise de Israel como nação e Jonas como profeta. Isso porque uma cidade inteira se converteu, além da classe política e dos fazedores de opinião, sem que se possa dizer que o povo de Deus tenha tido qualquer virtude que explicasse ou justificasse tal fato. Ora, isso prova que Deus age mesmo em meio à crise mais aguda de seu povo e seus mensageiros.

Diante disso, vamos pensar um pouco no que está acontecendo no Brasil hoje. A Igreja tem experimentado um tremendo crescimento numérico. No entanto isso nada tem a ver com nossa real legitimação diante de Deus. Diante dele estamos como Jonas: perplexos com o fato de que os pecadores se convertem apesar de nossa fuga à vontade de Deus.

Isso porque nunca em sua história a Igreja Evangélica brasileira esteve em pior condição moral, ética e espiritual do que agora. No entanto, nunca em seu passado ela cresceu como tem crescido. *A Igreja não precisa ser santa apara crescer, mas ela precisa ser santa a fim de mudar a sociedade.* Aliás, foi Jesus quem deixou isso muito claro desde o começo. Lembremos de que ele disse que movimentos de multidão, apesar de terem seu lugar e deverem ser buscados, nem sempre têm a ver com manifestações de santidade. Jesus disse que muitos atraem pessoas através de sinais extraordinários, mas que tais sinais não significam que aqueles que os operam são santos de Deus. Podem-se operar milagres, expulsar demônios, profetizar e realizar toda sorte de prodígios, sem que necessariamente se tenha envolvimento mais profundo com Deus. Ora, isso explica porque certos movimentos evangélicos, inequivocamente marcados pelos sinais da falta de ética cristã, continuam, ainda assim, a crescer imensamente.

Ora, quando a D. Maria de Sousa vai à igreja do missionário inescrupuloso, ela não tem nenhuma culpa de ser ele quem é e como é. Ela apenas foi atraída por alguém que disse que Deus iria agir. D. Maria creu em Deus e Deus creu em D. Maria. Por isso D. Maria será curada. Quanto ao missionário que saiu dali e foi se prostituir com uma irmãzinha da congregação, ele é quem vai bater à porta naquele dia, dizendo: “Senhor, Senhor, porventura não curei em teu nome? E em teu nome não operei milagres e profetizei?” Também será ele quem ouvirá o Senhor dizer: “Afasta-te de mim, tu que te corrompias mesmo enquanto usavas meu nome diante de um povo ao qual socorri apenas por amor a mim mesmo. Sai daqui. Nunca te vi antes. Não temos nada a ver um com o outro”.

O que me preocupa na Igreja Evangélica brasileira é o fato de que ela cresce assim, sem vida, sem ética, sem santidade, sem saúde humana e sem apresentar nenhuma diferença profunda (mais profunda que não fumar, não beber e não jogar) em relação ao resto da sociedade. Se continuarmos a crescer dessa maneira, um dia certamente seremos maioria. No entanto, o Brasil será ainda o mesmo país da injustiça, dos meninos de rua, dos governantes corruptos, dos políticos aéticos e da religião sem desembocadura na vida. Se continuarmos a crescer assim, vamos estar edificando com palha, feno e madeira. O fogo da história e do Juízo nos queimará. Se continuarmos a crescer assim, lotaremos o céu de gente salva “como que por meio do fogo”. No entanto, na terra não teremos efetivamente feito nada que salvasse a sociedade do inferno no qual ela vive.

É em razão de a igreja não abrir os olhos a fim de ver que mesmo enquanto cresce Deus a coloca sob juízo, que ele tem que levantar

instrumentos seculares a fim de profetizar a ela. O ministério de Jonas foi um sucesso total, do ponto de vista numérico, aonde quer que tenha ido. No navio todos se converteram, mesmo quando os pecados dele foram descobertos. Em Nínive, ainda que contra sua vontade, a cidade inteira se voltou para Deus. Jonas não merecia o sucesso que tinha. Também a Igreja no Brasil não merece o crescimento que tem. Isso porque tem crescido sob juízo. A sociedade rejeita a Igreja, mas estranhamente aceita a Cristo.

Ora, isso nos conduz a uma outra conexão de raciocínio, através do qual eu afirmo que quando recebemos o juízo de Deus é porque ele pretende nos conduzir ao discernimento de quais são os **instrumentos seculares** da expressão do seu amor por nós. E mais: como Jonas, também estamos recebendo lição de vida dos de fora. Jonas recebeu dos marinheiros. Nós muitas vezes a recebemos da imprensa e da sabedoria secular, que não compreende que o povo de Deus não seja de alguma forma diferente das outras expressões morais, éticas e políticas da sociedade.

O problema é que nós evangélicos não temos nenhum senso crítico no que tange à nossa auto-avaliação. Quase sempre, quando a fim de nos julgar Deus levanta a imprensa e os outros agentes seculares, preferimos pensar que se trata de ataque do diabo. É verdade que a imprensa no Brasil é extremamente diabólica, brincalhona, descomprometida com a verdade, irresponsável e manipulável. No entanto, apesar de tudo isso, ela ainda é “navalha alugada” por Deus a fim de ferir seu povo rebelde. Não é responsabilidade divina se às vezes tais instrumentos de juízo à semelhança de Babilônia e de outros instrumentos seculares que ele usou no passado para julgar seu povo – como a imprensa – exagera, mente, e agride para lá dos fatos e das proporções. No entanto, em lugar de ficarmos nos fazendo de vítimas do diabo, deveríamos nos posicionar com o discernimento e a atitude de Davi, quando amaldiçoado por Simei. Naquela ocasião Davi disse; “Deixa que ele amaldiçoe. Pode ser que o Senhor o tenha levantado para isso”. Em nós deveria haver sempre a santa suspeita de que o Senhor possa ter levantado certos instrumentos a fim de nos ministrar justiça e sabedoria.

Ainda aqui, neste ponto, estamos diante do amor de Deus por nós. Quando Deus nos julga é que ele deseja nos conduzir à seriedade de seu amor. A mensagem do julgamento não apenas fala do amor de Deus, mas anuncia também o fato de que seu amor é um amor sério. E é somente quando as pessoas se encontram com Deus na perspectiva desse amor-reverente que a vida delas é realmente alterada para sempre. É bom passar pelo juízo de Deus. É sadio que Deus nos esteja tratando como está. É terapêutico que a Igreja Evangélica brasileira esteja sob a mira da

sociedade e da imprensa. Eu, pessoalmente, não acho ruim. Gosto de ver tamanho fogo caindo sobre ela. Ele tem um papel santificador.

Meu querido leitor. Ao concluir este livro sobre Jonas desejo expressar diante de você o sentimento que tenho de que se a Igreja de Deus no Brasil tiver o discernimento de admitir sua síndrome de Jonas, aceitando o juízo que sobre ela hoje se abate, o Senhor irá ordenar aos instrumentos do seu juízo que vomitem a Igreja no chão de sua missão no Brasil. Disse tudo o que tenho dito sobre a Igreja e seus líderes porque não tenho nenhuma dúvida de que essa gente que hoje foge da missão e do compromisso com Deus ainda assim, e apesar de tudo, é gente de Deus. O povo de Deus tem neste país a possibilidade e o potencial de mudar o curso de sua história. E para que isso aconteça não é preciso que algo sofisticado aconteça ou seja criado. Tudo que é necessário é que aceitemos nossa missão e a vivamos com um coração solidário para com a causa de Deus.

Bibliografia

1. Obadiah, Jonah, Micah, an introduction & commentary. Desmond Alexander, David W. Baker & Bruce Walter (IVP, 1998).

2. Profetas Menores. A .R. Crabtree (Casa Publicadora Batista, 1971).

3. Jonah, A New Translation with Introduction, commentary, and interpretations by Jack M. Sasson (The Anchor Bible, Doubleday, 1990).

4. Obadiah and Jonah, A Commentary; Hans Walter Wolff, Augsburg, 1977.

5. The Judgment of Jonah, by Jacques Ellul (William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan, 1919).